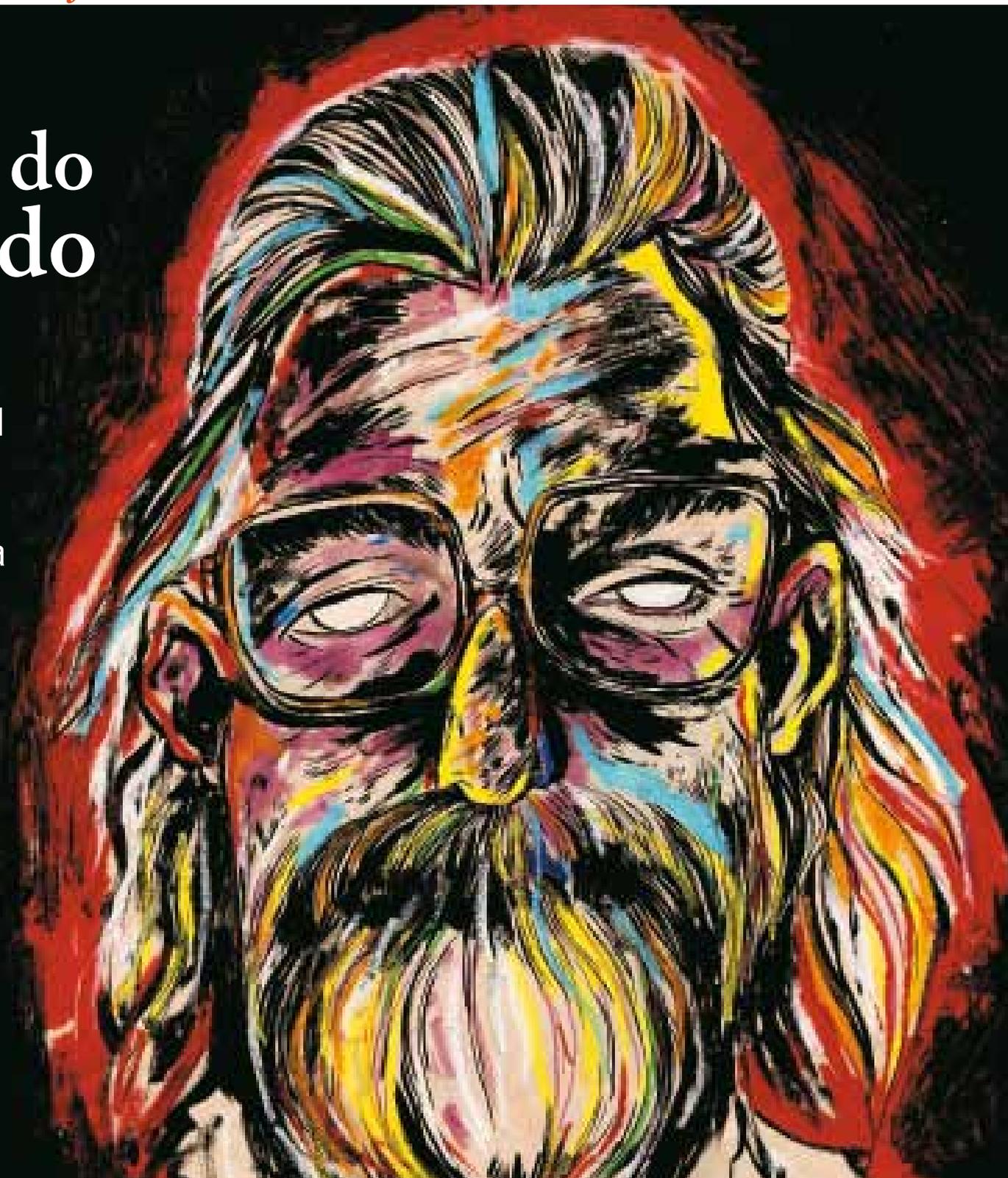


O riso do absurdo

Com humor e experimentação linguística, Manoel Carlos Karam construiu uma obra transgressora e singular



EDITORIAL

A experimentação linguística sempre foi um traço marcante da literatura paranaense, em especial a feita em Curitiba. Assim como Wilson Bueno e Jamil Snege, Manoel Carlos Karam pautou sua obra pela busca de uma linguagem que fugisse dos padrões estéticos mais convencionais da literatura brasileira.

O gosto por uma narrativa anarquicamente calculada e o uso da anáfora como recurso linguístico recorrente fizeram de Karam um dos autores mais singulares da nossa literatura nos últimos 20 anos. Esses elementos da narrativa única de Karam estão presentes nos dois contos inéditos que o **Cândido** publica nesta edição em homenagem ao autor, morto em dezembro de 2007. “Schoenberg, Berg e Webern” e “Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal e outros nomes” fazem parte de *Um milhão de velas apagadas*, livro ainda inédito do autor.

“Karam sempre insistiu no enredo labiríntico, nos protagonistas espiralados, na topografia onírica. Para ele, a literatura era farra e fanfarra, era a desforra do instinto contra a razão burocrática”, escreve Nelson de Oliveira, em texto sobre a obra do autor de *Cebola*. Já o escritor Luiz Andrioli, que trabalhou com Karam no jornalismo curitibano, relembra episódios de sua convivência com o autor.

Na seção de inéditos, além dos contos de Karam, a edição traz poemas de Josely Vianna Baptista, que em janeiro lança, pela Cosac Naify, seu livro *Roça barroca*, com traduções para a língua portuguesa dos cantos mitológicos dos Mbyá-Guarani do Guairá. Contos do curitibano Marcio Renato dos Santos e da carioca Livia Garcia-Roza, além de crônica de José Roberto Torero sobre o mundo onírico das bibliotecas, completam a edição.

Boa leitura a todos.

TIRAS

FABIANO VIANNA

O CRONISTA



CARTAS

Foi com alegria e grata surpresa que tomei contato com o **Cândido**. Desde a escolha do nome até a linha gráfico-editorial, só percebo acertos. Parece-me que o jornal supre, ao menos em parte, a lacuna deixada pelo histórico *Nicolau*. Parabéns.

Amarildo Anzolin — via e-mail.

Acabo de receber e ler os números dois e três do **Cândido**. O depoimento do Antônio Torres está muito bom, também estão ótimos os textos de Joca Reiners Terron e José Castello sobre Wilson Bueno. Um grande abraço e obrigado.

Carlos Herculano Lopes — Belo Horizonte/MG.

A edição do **Cândido** de novembro está maravilhosa. Parabéns!

Lidia Piski — Curitiba/PR.

Por sorte, ou talvez um presente do destino, em minhas mãos veio parar a edição de número três do **Cândido**, jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Diferentemente do que ocorre aqui na cidade de São Carlos (SP), cujo governo municipal nada realiza em prol da literatura, o governo do Paraná e esta Biblioteca estão de parabéns por tão magnífico trabalho cultural. Além do **Cândido**, tenho recebido o jornal *Rascunho*, também editado neste Estado, periódico dedicado à literatura. Acredito que este jornal, mais o *Rascunho* são os mais importantes jornais dedicados ao mundo literário, sem parentesco com outro qualquer. Parabéns.

Isaac Soares de Souza — São Carlos/SP.

EXPEDIENTE



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior. Redação: Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice e Guilherme Sobota. Fotografia: Kraw Penas. Projeto gráfico e diagramação: Versão Design. Colaboradores desta edição: Fabiano Vianna, Francisco Gusso, Guilherme Caldas, José Roberto Torero, Livia Garcia-Roza, Luiz Andrioli, Marcio Norberto, Marcio Renato dos Santos, Marcelo Cipis, Nelson de Oliveira, Osvalter Urbinati, Pedro Franz e Rafael Antón.

Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba - PR.

Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h.

Sábado: 8h30 às 13h

CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO DE ORIGINAIS

Todos os originais enviados ao **Cândido**, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do **Cândido**, que privilegia obras inéditas que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:

- De estilo: correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade.
- De conteúdo: nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem.

O Conselho Editorial não analisa:

- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.

As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:

- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

BIBLIOTECA AFETIVA

Uma descoberta que me fascinou tremendamente, a ponto de buscar tudo o que havia sido publicado desta autora, foi Cristina Campo, uma poeta italiana cujo verdadeiro nome era Vittoria Guerrini, que, por se dizer portadora de Cristo nos campos do III Reich, assumiu na literatura este outro nome. Cristina Campo tem apenas um livro de poesia, chamado *O passo do adeus*, e dois outros livros de ensaio, todos editados em Portugal. O que me deslumbrou nessa escritora foi o seu fervoroso amor à beleza, justamente numa época que repudiou o belo, inclusive dentro da poesia. Há uma frase dela que marca minha vida: “a natureza não é senão metáfora do sobrenatural”.

Mariana Ianelli nasceu em 1979 na cidade de São Paulo. Poeta, mestre em Literatura e Crítica Literária, é autora dos livros *Trajatória de antes* (1999), *Almádena* (2007) e *Treva Alvorada* (2010), entre outros, todos pela editora Iluminuras. Em 2011 obteve menção honrosa da Casa das Américas (Cuba) pelo livro *Treva Alvorada*. Vive em São Paulo (SP).



Samuel Leon

Não me lembro quando li, mas com certeza era ainda adolescente. Foi *Rayuela* (que é o famoso *Jogo da amarelinha*, do Julio Cortázar, mas digo em espanhol porque foi nessa língua que li) e me marcou de diversas maneiras. Primeiro por ser o primeiro livro de um autor argentino e me apresentar o *boom* literário latino-americano. Depois, porque o livro transgredia tantas “normas” que eu achava que existiam na literatura que meu pensamento durante todo o livro foi: “e um escritor pode fazer isso?” Reli na outra ordem proposta pelo autor e fiquei ainda mais maravilhado. É um livro central na minha vida.

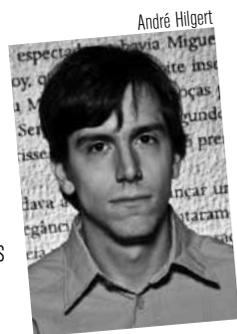
Marcelo Barbão é escritor e tradutor. Publicou *Acarícia meu sonho* (2007) e *A mulher sem palavras* (2010). Vive, como não podia deixar de ser, em Buenos Aires (AR).



Divulgação

O *arco-íris da gravidade*, de Thomas Pynchon, me abriu muitas portas e janelas quando li o romance pela primeira vez, aos dezoito anos. É um livro de excessos: personagens demais, palavras demais, páginas demais. Em resumo: um desvario multifacetado, que mescla diversas linguagens, que é erudito ao mesmo tempo em que está mergulhado na cultura de massa. Sendo assim, retrata, como poucos outros livros, o que é viver nos dias de hoje. Foi através de Pynchon que descobri o poder da literatura contemporânea.

Antônio Xerxesky é autor dos livros *Areia nos dentes* (2010) e *A página assombrada por fantasmas* (2011). Vive em Porto Alegre (RS).



André Hilgert

Em *O nome da rosa*, de Umberto Eco, revivi as lembranças do tempo acadêmico. Época em que tive o primeiro contato com a história das bibliotecas medievais. Nessa trama, o leitor se depara com uma biblioteca ideologicamente característica da época, quando a informação era extremamente restrita e representava a dominação e o poder da igreja, além de um misto de paixão, punição, crime e intriga.

Sizuko Takemiya é bibliotecária e chefe da Divisão de Obras Gerais da Biblioteca Pública do Paraná. Vive em Curitiba (PR).



Kraw Penas

CURTAS DA BPP

Um Escritor na Biblioteca

O amazonense Milton Hatoum é o décimo convidado do projeto “Um Escritor na Biblioteca” de 2011. O encontro acontece no dia 6 de dezembro, terça-feira, às 19h. Esta é a última edição do projeto neste ano, que contou com a participação de vários escritores do primeiro escalão da literatura nacional, como Cristovão Tezza, Elvira Vigna, Luiz Ruffato, Antônio Torres, Marçal Aquino, Reinaldo Moraes, Sérgio Sant’Anna e Luiz Alfredo Garcia-Roza. O projeto é uma releitura de uma iniciativa homônima realizada pela BPP nos anos 1980, que promoveu conversas com autores como Fernando Sabino e Antônio Callado. O encontro deste mês tem a mediação de Flávio Stein. Entrada franca.



Adriana Vichi

Exposição Mães pela Igualdade

Em dezembro a Biblioteca Pública do Paraná dá início à exposição *Mães pela Igualdade*, mostra fotográfica que reúne retratos e relatos de mães e filhos do grupo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis). Grande parte das obras expostas na BPP é fruto de um trabalho especialmente desenvolvido por artistas regionais, entre eles Rodrigo Wypych, Alexandra Martins, Elvira Luiz dos Santos, Poliane Gomes e Alícia Peres. A inspiração para a mostra vem do Projeto “Inside Out”, do fotógrafo francês JR, vencedor do prêmio TED de Direitos Humanos 2011, que conta com peças de *street art* espalhadas em todo o mundo. O objetivo da mostra é promover nova visão sobre os conceitos familiares vigentes na sociedade. A exposição acontece entre os dias 6 de dezembro e 5 de janeiro, no segundo andar da BPP. Entrada franca.

Concurso de Redação Infantil

Em novembro, a seção Infantil da BPP promoveu o XVII Concurso Infantil de Redação. Setenta crianças de até 12 anos mandaram textos sobre “Ler é viajar o mundo todo sem pagar passagem”. Dividido em três categorias (7/8, 9/10 e 11/12 anos), o concurso estimula a leitura e o contato com os livros. Todos os participantes receberam um certificado de participação e um livro. Os três primeiros colocados em cada categoria também levaram para casa um troféu. São eles: 7/8: Haila Angela Mendes, Vitor Stolf Packer e Winicius Rafael Mendes; 9/10: Silas Melo dos Santos, Leticia Maria Tchmola Alves e Weslwy Riska de França; Menção honrosa: Aline Aparecida Firmino da Silva e Bianca Kimberly Proença; 11/12: Natália Soligo Pizetta, Gabrieli do Amaral Oroski e Hamad Raslan; Menção honrosa: Isabelle Pereira Couto. As redações estão disponíveis para consulta na seção Infantil, andar térreo da BPP.



Reinaldo Moraes

Sétimo convidado do projeto “Um Escritor na Biblioteca”, o autor do clássico *Tanto faz* fala sobre o hiato de duas décadas longe da literatura e de como concebeu *Pornopopéia*, romance de 2009 que já foi alçado à condição de clássico contemporâneo



Reinaldo Moraes nasceu em São Paulo, em 1950. É escritor, roteirista e tradutor. Estreou na literatura em 1981 com o romance *Tanto faz*, livro que se tornaria cultuado por diversas gerações de leitores. Em 1985 lançou *Abacaxi*, continuação de seu livro de estreia. Ambos os romances foram reeditados recentemente em um único volume pelo selo Má Companhia, da Companhia das Letras. Depois dos primeiros romances, o autor fez uma pausa na literatura, ficando duas décadas sem publicar ficção. Voltou às prateleiras com a narrativa infantojuvenil *A órbita dos caracóis* (2003), seguido pelo volume de contos *Umidade* (2005). Em 2009 Moraes lançou *Pornopopéia*, considerado pela crítica seu melhor livro. O romance de quase quinhentas páginas é uma viagem alucinada pelo *underground* paulistano, protagonizado por um cineasta fracassado que faz vídeos institucionais para sobreviver e que, segundo Moraes, é “um personagem sem superego”. “Querida escrever sobre um cara que fizesse o que passasse pela cabeça, tivesse uma existência puramente instintual, totalmente dessublimado, um cara que vai cumprindo uns papéis sociais, mas de uma forma totalmente delinquente, totalmente anárquica, que vai derretendo todos os vínculos com a sociedade, com a mulher, com os amigos, com a família, com o filho”, diz o escritor, que conversou com a jornalista Mariana Sanchez na sétima edição do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. Durante o bate-papo, Moraes ainda contou histórias irresistíveis, como seu encontro com Julio Cortázar em Paris, falou sobre suas influências literárias, sobre os primeiros escritores que leu e de sua rotina de trabalho. “Passei muito tempo em que, quando tinha uma ideia, saía correndo para os bares comemorar. Hoje, quando tenho uma ideia, corro para o computador e escrevo.” Confira os melhores trechos do papo com o escritor.

Primeira vez na Biblioteca

Eu lembro bem porque, no primário, estudava numa escola pública em São Paulo que ficava na Praça da República. O prédio existe até hoje e, dois quarteirões para cima, pela Avenida São Luiz, fica a Biblioteca Municipal de São Paulo, que foi recentemente restaurada. Chama-se Biblioteca Mário de Andrade, porque foi ele quem a fundou, quando trabalhava num órgão que viria a ser a Secretaria da Cultura de São Paulo. Era uma biblioteca bem bacana, bem gerida, depois passou muitos anos em uma decadência tremenda, praticamente fechada, e recentemente, há uns dois anos, foi reaberta, toda reformada. Lembro que todos os semestres os professores levavam aquela molecadinha de sete, oito, nove anos, de uniforminho azul, em fila indiana, à biblioteca. Quem ainda não tinha ficha, fazia.

Descobrimo o conhecimento

Adorava a ideia de ser admitido em um lugar onde, segundo a professora, estava todo o conhecimento humano. Quer dizer, era como se você entrasse na caverna do Ali Babá, onde todas as riquezas se encontravam, onde todas as coisas que realmente importavam, coisas da cultura, residiam. Também tinha o grande prazer de você se sentir parte de um órgão importante, como uma biblioteca municipal. Eu tinha carteirinha, devolvia os livros religiosamente na data, nunca atrasava. Aí, entrei no ginásio, fui estudar em outro lugar, mas sempre voltava àquela biblioteca. Podia ficar zanzando pelas revistas, podia pegar qualquer livro. Isso foi até meus 19 anos, quando li pela primeira vez Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Em 1967, quando tinha 17 anos, o Teatro Oficina encenou *O rei da vela*, do Oswald. Aí, os jornais começaram a dar muita matéria sobre ele, e foi aí que passei a saber quem ele era, o que era o Modernismo brasileiro. Mas não havia livros, os livros começaram a ser reeditados em 1969, 1970, em edições, acho eu, da [editora]

Civilização Brasileira em parceria com o Ministério da Cultura. Mas em 1967 eu tava louco para ler Oswald de Andrade e não tinha nada dele para vender na livraria. Na biblioteca, o livro não poderia ser emprestado, ficava confinado no departamento de obras raras. A mulher trazia o livro e ficava te olhando. Eu li *Serafim Ponte Grande* e *Memórias sentimentais de João Miramar* ali, com uma pessoa me observando. Então, biblioteca foi uma coisa que me acompanhou.

Estímulo para ler

Quem primeiro me incentivou foram os professores mesmo. Na minha casa, minha mãe lia alguma coisa, mais revistas como *Cláudia*, *Seleções*, etc. Então eu não tinha grande estímulo para ler em casa. Mas a gente sempre tem, em alguma fase da vida, uma espécie de guia literário — em muitas fases, aliás. Eu tinha uma tia, irmã da minha mãe, que era professora, ela adorava ler os brasileiros. Lia todo Machado de Assis, todo José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, os poetas românticos, etc. Essa tia tinha uma biblioteca em casa. Era uma coisa que eu achava de um supremo chique, supremo privilégio. Era simplesmente uma estante grande, com uma porta de vidro de correr, com livros de coleções diversas que ela e o meu tio compravam dos vendedores ambulantes da cidade. Aí fui crescendo e ficando cada vez mais tarado por livro, ia fuçando essas coisas mais bacanas, mais difíceis. Eu passava férias lá e me esbaldava.

Diversão e transformação

As duas coisas sempre vêm juntas. Lembro quando li *Grande sertão: veredas*, com 18 anos, quando já era um leitor — com essa idade, já tinha lido muito mais do que a média dos garotos da época. Tinha lido Padre Vieira, Machado, García Márquez. Mas aí me meti a ler o tão falado e reverenciado *Grande sertão: veredas*, que é um livro difícil de ler. Eu já tinha

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

um ânimo de enfrentar as dificuldades do livro e ver onde ia dar. *Grande sertão* te ensina a lê-lo, você só tem que ter paciência, perceber como se arma a sintaxe daquele cara. O Riobaldo fala um tipo de português que ninguém fala em São Paulo. Algumas coisas da fala dele parecem com a fala dos caipiras que conheci no interior, mas aí você lê o *Camões* e vê que aquilo é parecido com *Camões*, aí percebe que o cara está fazendo uma fusão de um português quincentista, camoniano, com aquele português sertanejo — e contando uma história que é uma aventura fantástica. Aquilo ali exige esforço. Mas acho que quem gosta de ler, vai querer decifrar escritores que tenham uma prosa um pouco mais intrincada, menos óbvia do que a literatura de entretenimento.

Literatura nas escolas

Já vi muita gente questionando a forma como a literatura é introduzida nas escolas. É um jeito meio forçado, porque aquilo faz parte da história oficial da literatura. Você tem que ler o Machado [de Assis], que é maravilhoso. Mas, de repente, não está a fim de, com 14 anos, ler *Dom Casmurro*, mas pode estar a fim de ler outro livro. Mais engraçado, mais provocativo, mais irreverente. E isso a escola não oferece. Se você não tiver um pai, uma mãe, um círculo de amigos bibliófilos, tarados por literatura, não vai ter contato com coisas que poderia ler e gostar. A coisa tem que te interessar de algum jeito.

Disciplina de leitor

Já fui mais disciplinado. Antigamente fazia uma coisa que eu achava legal: ler o livro de um cara, achar bacana e sair lendo tudo que encontrava desse autor. Começou assim com Machado de Assis. Fazia amizades com caras que gostavam de Machado. É como fazer amizade por causa do Corinthians, do futebol. Era tipo um clube. Então, trocávamos cartas em estilo machadiano. Aí, lia tudo: crônicas, romances, contos. Descobri

“ Não tem jeito, as ideias vão atrás de você. Às vezes você vai fazer cocô, vem a ideia e senta ali do seu lado. Você está dormindo, olha para o lado, a ideia está lá. Às vezes você está transando, vem a ideia, você broxa. Você fica meio escravo.”

Guimarães Rosa e caí de boca naquilo. Aí, descobri Cortázar, primeiro grande escritor estrangeiro, li tudo dele.

Leituras hoje

Na juventude, caía de boca na obra dos autores. Bukowski, quando conheci, li tudo. Até traduzi um livro [*Mulheres*, reeditado pela L&PM em 2011]. Hoje em dia, estou um leitor preguiçoso, mais fragmentado. Fico tentando ler *Em busca do tempo perdido*. Como aprendi um francês razoável, pois morei na França, leio em francês. Aliás, o Mario Sérgio Conti está fazendo uma tradução que, parece, vai ter um português mais palatável. Apesar de o Proust ter sido traduzido por grandes caras, como Mario Quintana, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Miguel Pereira, nunca consegui passar do primeiro livro, *No caminho de Swann*. Agora reli o primeiro e comeci o segundo. Quer dizer, estou com 61 anos, faz 40 anos que quero ler Proust. Enfim, fiquei dispersivo. Boa parte da culpa pode ser atribuído a um processo discreto de esclerose progressiva, assim como à internet, essa grande fábrica de mentes estilhaçadas, que reduziu a atenção das pessoas em cerca de 89,3%. Antigamente, as pessoas tinham saco de pegar um livro e passar duas horas lendo. Hoje em dia, procuramos o mouse do livro.



Busca pela liberdade

Escrevi *Tanto faz* entre 1979 e 1980, o livro saiu em 1981, ainda dentro do período ditatorial. Mas a verdade é que depois de 1979, começou haver liberdade de imprensa, acabou a censura muito estrita aos produtos de cultura de modo geral. Era um momento em que a cultura brasileira ainda era hegemonicamente de esquerda. Então, todo mundo que estava escrevendo, fazendo filme, etc., 99,9% dessas pessoas eram, de alguma forma, de esquerda. Então, quando comecei a escrever, existiam dois superegos: o superego ditatorial, que também no meu caso combinava com a minha casa, pai e mãe que adoraram os militares no poder; e o superego da esquerda. Eu era um tipo muito enconstrado na época, aquele hippie marxista, calça boca de sino, fitinha na cabeça, barba do Che Guevara, lia um Marx ali e fazia umas maluquices aqui. Então, também tinha esse superego do comunismo pétreo, radical, ideológico e cagador de regra. E, por outro lado, a coisa da direita, da censura, da repressão. Saí então para uma terceira via, criando esse personagem picaresco [Ricardo, protagonista de *Tanto faz*], que dá uma banana para a direita e cospe o chicle na cara da esquerda. Mistura *rock* com samba e bossa nova. Não era uma coisa que inventei, era uma coisa que se via, a moçada ali num choque, numa pororoca ideológica.

Sucesso de *Tanto faz* e *Pornopopéia*

Foi um sucesso totalmente inesperado. Eu não esperava nem que fosse editado, quanto mais publicado por uma grande editora [Brasiliense]. De repente abri a *Veja* e vi o cara falando de mim. Trinta anos depois, isso aconteceu com *Pornopopéia*, que escrevi achando que ninguém ia ler. Inclusive era uma coisa pela qual eu me desculpabilizava, porque pensava assim: “estou botando tanta maluquice nesse livro, que ninguém vai editar”. O livro não parava de crescer, chegou a ter mil páginas. Então, fiquei pensando: “um livro desse tamanho, com o cara fazendo



A jornalista Mariana Sanchez conversa com Reinaldo Moraes no auditório Paul Garfunkel.

“ Escrevo muito de manhã. De manhã, reescrevo muito, na verdade. À tarde, cochilo e leio. Às vezes mais cochilo do que leio. E à noite escrevo, depois de uma cervejinha, um vinhozinho, é gostoso para ter ideias.”

esse tanto de maluquice, com uma linguagem totalmente desabrida, com palavrão misturado com linguagem culta, personagem totalmente amoral, irreverente e cínico, ninguém vai ler”. Isso me deu uma grande liberdade, como se tivesse escrevendo em finlandês. Porque ninguém vai ler um livro no Brasil escrito em finlandês.

Alienação de *Tanto faz*

Eu achava essa abordagem um erro. Porque o livro era político. Era um livro que debatia essa questão, porque botava a consciência do personagem no meio da rua. No *Tanto faz*, o personagem narrador fica debochando da esquerda, da esquerda normativa, ideológica, dizendo “pô, esses caras querem controlar minha libido, eles que vão às favas, já chega os milicos tentando controlar minha vida por 20 anos, agora que estou adentrando a vida adulta não quero ninguém me controlando”. Isso não era uma ideologia minha, eu não era aquele carneiro, aquela ovelha negra. Era um monte de gente que estava entrando na soleira da vida adulta, num mundo totalmente *pop*, com o *rock* explodindo, como opção musical e também comportamental, tinha um monte de coisa para ler, literatura ame-

ricana, por exemplo, que nunca foi muito marxista, estava muito perto da vida, Bukowski, John Fante, Henry Miller. São caras que estão falando do corpo, do desejo. Coisas da vida que não estavam necessariamente ligadas à luta de classes. O foco não era esse. As pessoas estavam tendo outras experiências, com drogas, com formas diferentes de relacionamento. Então, era uma moçada com um programa de vida que não cabia mais naquele molde da esquerda clássica, em que “tomar consciência significa se engajar num processo de superação histórica da burguesia”, etc. Esse personagem de *Tanto faz* questionava e era questionado dentro do livro. Para mim, era um livro muito político, mas não exatamente do jeito que a esquerda esperava. O livro tirou três edições: uma delas vendeu em semanas, porque saiu na *Veja*, foi um auge.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Encontro com Cortázar

Nos anos 1970, fiquei amigo do Davi Arrigucci Jr., professor de literatura da USP, grande ensaísta, que sabe tudo de Cortázar. Em 1979 ganhei uma bolsa para estudar em Paris. Então o Davi falou: “já que você gosta tanto do Cortázar, leva esse disco para ele”. Era um vinil de *O bicho*, do Caetano Veloso. Porque o Cortázar tinha vindo para o Brasil em 1972 e visto um *show* da Bethânia e do Caetano — inclusive ele achou que a Bethânia era o Caetano na versão feminina, estilo Shiva e Parvati, o deus feminino e masculino dos hindus. Davi fez uma dedicatória e disse para eu levar para o Cortázar em Paris, deu o endereço e tal. Pensei: “porra, maravilha”. Cheguei lá, nem tomei banho, peguei o telefone e liguei. Ninguém atendeu. Tinha um amigo lá, o Giba Vasconcellos, que me acalmou e tal, falou que ele poderia não estar na cidade. Eu ligava quase todo dia. Chegou o outono e nada. Aí o Giba falou: “vamos lá na casa dele”. Pegamos o endereço e fomos. Ele morava numa rua no centro, num bairro que tem um comércio muito chique, mas na época tinha uns prédios residenciais bem de classe média. O endereço era assim: “Rua tal, número 68”. Chegamos lá e vimos as caixas de correio, típicas dos prédios de Paris. Em nenhuma delas estava escrito “Cortázar”. Aí, ficamos ali pensando, decidindo entre ir embora ou não, quando demos dois passos para fora, vimos que existia o número 68 bis. Tentamos naquele, e numa das caixas de correio estava escrito *monsieur* Cortázar. Mas aí não sabíamos o número do apartamento, porque só tinha o nome. Enquanto a gente estava nessa discussão, ouvimos um barulho nas escadas, por onde descia uma equipe de TV, com todos os equipamentos, todos loirinhos, e atrás deles o Cortázar. Ele olhou para a gente. Eu e meu amigo éramos duas figuras estranhas, barbudos, cabeludos. Cortázar deve ter pensado: “tô encrocado”. Olhei para ele, não sabia falar quase nada em francês ain-



“ Eu não esperava nem que fosse editado, quanto mais publicado por uma grande editora [Brasiliense]. De repente abri a *Veja* e vi o cara falando de mim. Trinta anos depois, isso aconteceu com *Pornopopéia*, que escrevi achando que ninguém ia ler.”

da — só saía um *bon jour*, mas não sabia exatamente em que hora falar isso —, então misturei um francês com português, coisa horrível. E ele respondeu: “ah, o disco do Caetano Veloso, que bom, você é amigo do Davi, então?” Mandou um português ali, bicho, tranquilo, quase melhor que o meu. E aí ficamos conversando, ele um sujeito simpático, um pouco mais alto do que eu, tinha uns 75 anos, mas sem um fio de cabelo branco, uns olhos azuis, um cara bonito para chuchu. Ficamos batendo um papinho, por uns 20 minutos, e os

caras da TV esperando. Até que o Cortázar disse: “tenho que ir com eles agora, mas liga pra mim, meu telefone mudou, vou viajar, mas daqui um mês você pode ligar”. Fiquei um ano tentando ligar, mas nunca mais o vi. Esse foi o dia em que conheci Cortázar.

Rotina de escrita

Escrevo em qualquer lugar. Na verdade, não tenho disciplina. O único hábito que tenho é ler jornal. Toda manhã leio a *Folha de S. Paulo*, o jornal físico mesmo. Com uma caneca de café e pão com manteiga do lado. Mas eu deveria ter mais disciplina. O único jeito de encarar uma leitura mais complexa, como *Em busca do tempo perdido*, seria ter um horário destinado a isso. Mas eu vou lendo por compulsão, quando tenho tempo, vou e leio. Com a escrita é a mesma coisa. Escrever não é uma coisa em que se sai do zero. Sempre há uma ideia antes. Agora, estou na metade de um romance. Então, estou já empurrando aquele bonde todo, cheio de personagens e tal. O barato é escrever todo dia, não deixar de escrever nenhum dia, nem que você mude apenas um verbo. Eu faço isso às vezes até como um ritual, da mais baixa superstição. Mesmo que eu esteja bêbado, de saco cheio, deprimido, sem tempo, cansado, com sarna, dor de dente, não importa, tenho que ligar o computador, nem que seja para alterar uma vírgula. Isso religa. Religa o cérebro.

Horários

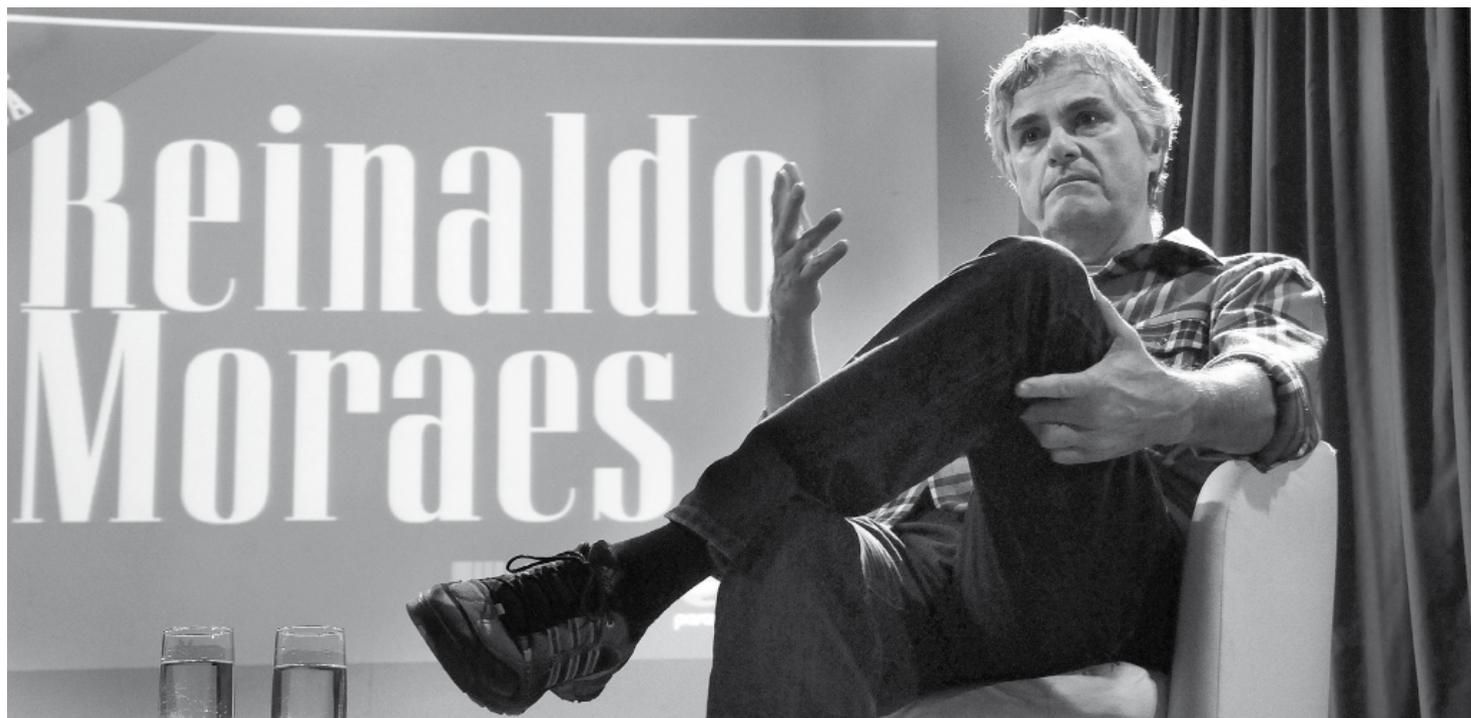
Escrevo muito de manhã. De manhã, reescrevo muito, na verdade. À tarde, cochilo e leio. Às vezes mais cochilo do que leio. E à noite escrevo, depois de uma cervejinha, um vinhozinho, é gostoso para ter ideias. Escrevo sem muito compromisso, se não ficar bom, dane-se. Aí, de manhã seleciono, edito, etc. Não tem mistério, o dia tem vinte e quatro horas só, não tem como inventar muito. Você também tem que comer, dormir, namorar, etc.

A origem de *Pornopopéia*

Era um conto que eu já tinha escrito há um tempo e que entraria no *Umidade*, que lancei em 2005. O editor Luiz Schwarz, da Companhia das Letras, às vezes edita, ele mesmo, os seus autores. Como foi ele quem editou o *Tanto faz*, pela Brasiliense, quando fui fazer esse livro de contos, ele pegou os textos e editou. Imagina, o cara deve ser ocupadíssimo, para mim foi uma grande honra ter o dono da editora fazendo a edição do meu livro, lendo os contos, comentando. Esse conto era um deles, era sobre uma grande suruba, uma orgia que se passa num centro de estudos neo-brâmanes, que o cara chama de surubrãmene. Um conto em que um cara chega para assistir a um recital de cítara de um amigo e, quando ele percebe, está pelado e todo mundo trepando. O recital de cítara vai dar nisso. Aí, o Luiz Schwartz perguntou: “quem é esse cara, ele é só amigo do tocador de cítara? Isso aí não vai funcionar como conto, não tem começo e não tem fim”. Concordei e o conto não entrou no *Umidade*. Mas aí fiquei com aquilo na cabeça, então escrevi o começo e o fim. Fui trabalhando para trás e para frente, controlando isso e inventando, então, quem era aquele cara.

Personagem sem superego

Enquanto fiquei cogitando essa questão da trama, de dar uma lógica, uma substância para o personagem, fazer o cara ficar mais de carne e osso, pensei em um projeto que já vinha fermentando em minha cabeça há um tempo: fazer um personagem sem superego. Um cara que fizesse o que passasse pela cabeça, tivesse uma existência puramente instintual, totalmente dessublimado, um cara que vai cumprindo uns papéis sociais, mas de uma forma totalmente delinquente, totalmente anárquica, que vai derretendo todos os vínculos com a sociedade, com a mulher, com os amigos, com a família, com o filho. Quer dizer, um personagem que reivindicava uma liberdade para além de qualquer



código moral, ético, mas que estivesse inserido em um contexto realista. Que não fosse um monstro. Não era esse tipo de ausência de superego que me interessava, era um cara que poderia ser qualquer um de nós, que está no trabalho, nas ruas, nos bares, um cara comum. Aí eu pensei: “puta, o cara que eu estou querendo fazer é esse fulano que está nessa surubramane”.

Mirisola

Um dos caras mais interessantes que li nos últimos anos é o Marcelo Mirisola. Ele escreveu *Notas da Arrebentação*, *O herói devolvido*, *Fátima fez os pés para dançar na chopperia*, entre outros. Foi o primeiro autor no Brasil, depois do Guimarães Rosa, que criou uma língua para escrever. Ele não escreve na minha língua, nem na sua. Ele tem uma sintaxe própria, reorganizou o léxico para dar outros sentidos a adjetivos e palavras. E tem uma visão totalmente anárquica e suicidária, impossível de se domesticar. Meio difícil de ler também. Ele foi aplainando essa sintaxe, bota aforismos, cusparadas, tem umas abjeções sexuais, o avô que transa com o neto, pedófilos, mas aquilo também vai sendo diluído por uma levada quase filosófica na prosa dele.

Autores contemporâneos

Tenho muitos amigos escritores. Gosto muito do Antonio Prata, cronista maravilhoso, que conheço desde quando ele tinha três anos, filho do Mário Prata. É um Rubem Braga repaginado, modernizado. Como ficcionista, tem o Milton Hatoum. Conheci o Milton em 1979, quando eu estava escrevendo o *Tanto faz* e ele esquematizando o *Retrato de um certo oriente*, primeiro livro dele, que é fantástico. Mas não tão fantástico quanto seu segundo romance, *Dois irmãos*, que está no nível de Machado de Assis, maravilhoso, uma prosa mais tradicional, mais discursiva, que não traz muita atenção para sua fatura, sua linguagem. É a estratégia contrária, fazer uma prosa que flua porque o interesse está em outro lugar. Ao contrário do Mirisola.

Processo criativo

Nunca fico escrevendo qualquer coisa para ver onde vai dar. Quero contar uma história, sempre tenho um núcleo. Aquilo pode virar qualquer coisa, pode virar um início de romance abortado, que depois vai virar um conto, ou o contrário.

Mas sempre parto de alguma coisa que já está feita. Quer dizer, eu fiz alguma coisa antes, e depois utilizo. Gosto muito de mexer, fuçar. Você fica trabalhando todo dia numa coisa, as ideias vêm. Não tem jeito, as ideias vão atrás de você. Às vezes você vai fazer cocô, vem a ideia e senta ali do seu lado. Você está dormindo, olha para o lado, a ideia está lá. Às vezes você está transando, vem a ideia, você broxa. Você fica meio escravo.

Hiato na literatura

Eu não escrevia literatura porque não parava de escrever. Não escrevia literatura porque estava escrevendo novela, roteiro institucional, traduções, sempre com a bunda diante do computador, escrevendo para viver. Aí, virou o ganhador em várias modalidades. Virei aquele escritor de *hobby*. Passei muito tempo em que, quando tinha uma ideia saía correndo para os bares comemorar que tinha tido a ideia. Hoje, quando tenho uma ideia, corro para o computador e escrevo. Acho que é uma questão hormonal, têm menos hormônios me incomodando, me chamando para o crime. É só isso, na verdade. Escrever é uma coisa

“Antigamente, as pessoas tinham saco de pegar um livro e passar duas horas lendo. Hoje em dia, procuramos o mouse do livro.”

muito física, muito ligada à vida concreta. Você precisa de coisas mínimas: solidão, silêncio. Você não pode ter o coração aos pulos porque os credores estão dando picaretadas nas paredes ou porque sua mulher está dando para o vizinho. A realidade não pode estar querendo morder sua canela o tempo todo. Você tem que botá-la ali num cantinho. Tem que ter uma torre de marfim. Escritores descobrem a torre de marfim em vários lugares. Cervantes, por exemplo, na prisão de Madri, que não devia ser exatamente o Hilton Bangkok, Balzac vivia perseguido pelos credores, sempre se escondendo em Paris. Baudelaire vivia perseguido por si mesmo, pela sua loucura total, ou por uma mulher que queria esfaqueá-lo. Escrever é naquela hora em que não tem uma mulher enfiando a faca em você. Você precisa ter esse momento. Precisa ter tempo, dinheiro. Tem que trabalhar, precisa ter um *break*. Outra coisa que é bom para escrever é estar vivo, tem que contar com isso. A hora que não tiver mais fica difícil, quer dizer, depende de uma psicógrafa. ■

Próximo convidado do projeto
“Um Escritor na Biblioteca”:

• MILTON HATOUM 6/12

Às 19 horas. Entrada franca.

MODESTO INFORME SOBRE AS BIBLIOTECAS DO ORIENTE E D'ALÉM

(Documento encontrado na biblioteca de Tinos, supostamente escrito por Maffeo Polo)

Trazido à luz por José Roberto Torero

Pelos vinte e quatro anos que viajei com meu sobrinho Marco Polo, vi coisas que meus olhos mal puderam acreditar, ouvi histórias que minhas orelhas quase não creram e senti cheiros que meu nariz por pouco não conseguiu suportar.

Mas, de tudo o que vi, ouvi e respirei, o que mais me impressionou foram as bibliotecas. Talvez por gostar delas assim como outros homens amam bodegas, bancos e bordéis, foram as bibliotecas que mais me chamaram a atenção.

Eu, que pensava que elas eram sempre iguais, um lugar cheio de livros para serem consultados, encontrei no oriente bibliotecas de tantos modos e formas que só o descrevê-las já encheria uma outra biblioteca. Por isso, serei modesto e apenas direi como eram algumas delas.

Em Khubeis, além do deserto de Lut, há uma curiosa biblioteca formada apenas com livros em branco, pois

o povo da cidade não sabe ler. Porém, como a gente de Khubeis ouviu dizer que folhear livros é algo que traz respeito e nobreza, a cidade construiu uma biblioteca, que está sempre lotada por seus vaidosos analfabetos.

Em Arzinga, perto do Monte Ararat, há uma biblioteca que possui pesados livros sobre matemática, grandes arrazoados teológicos e longos discursos de reis, ou seja, leituras que dão muito tédio. Por isso a biblioteca, muito sensatamente, em vez de cadeiras, usa redes, de forma que os leitores podem ceder ao inevitável sono e dormir à vontade.

A biblioteca de Balkh fica numa grande e estreita torre, que tem em seu interior uma escada em espiral. Seus livros ficam numa longa prateleira que segue a escada do começo ao fim, com exatamente um livro por degrau. O curioso é que a regra da biblioteca diz que os leitores têm que ler primeiro o primeiro livro, depois o segundo, só então o terceiro e assim por diante. Até hoje ninguém chegou ao topo da torre, onde está o livro derradeiro, o da sabedoria suprema. Uns dizem que é um

pergaminho escrito por deuses. Outros, que é um livro de piadas.

Qazan é a capital da Tartária, país dominado há muito tempo pelo rei mongol Kublai Khan, neto do poderoso Gengis Khan. Kublai não aprecia muito as pessoas que têm ideias diferentes das dele, e tanto é assim que, na enorme biblioteca de Qazan, todos os seus exemplares são de apenas um livro: As memórias e as ideias de Kublai Khan, soberano das terras e almas da Tartária. A Biblioteca de Qazan está sempre vazia, sendo frequentada apenas de quando em quando por funcionários públicos que querem subir de posto.

Em Kan-Cheu há uma curiosa biblioteca feita para guerreiros que perderam os braços. Os livros são colocados abertos sobre suportes, de forma que os leitores podem virar as páginas apenas com a língua. Para estimular a leitura, os livros de Kan-Cheu são impressos em papéis de variados sabores, desde a forte carne de bode até o delicado pêssego. Assim, muitas vezes os leitores acabam escolhendo livros não por seu gosto literário, mas pelo gastronômico.

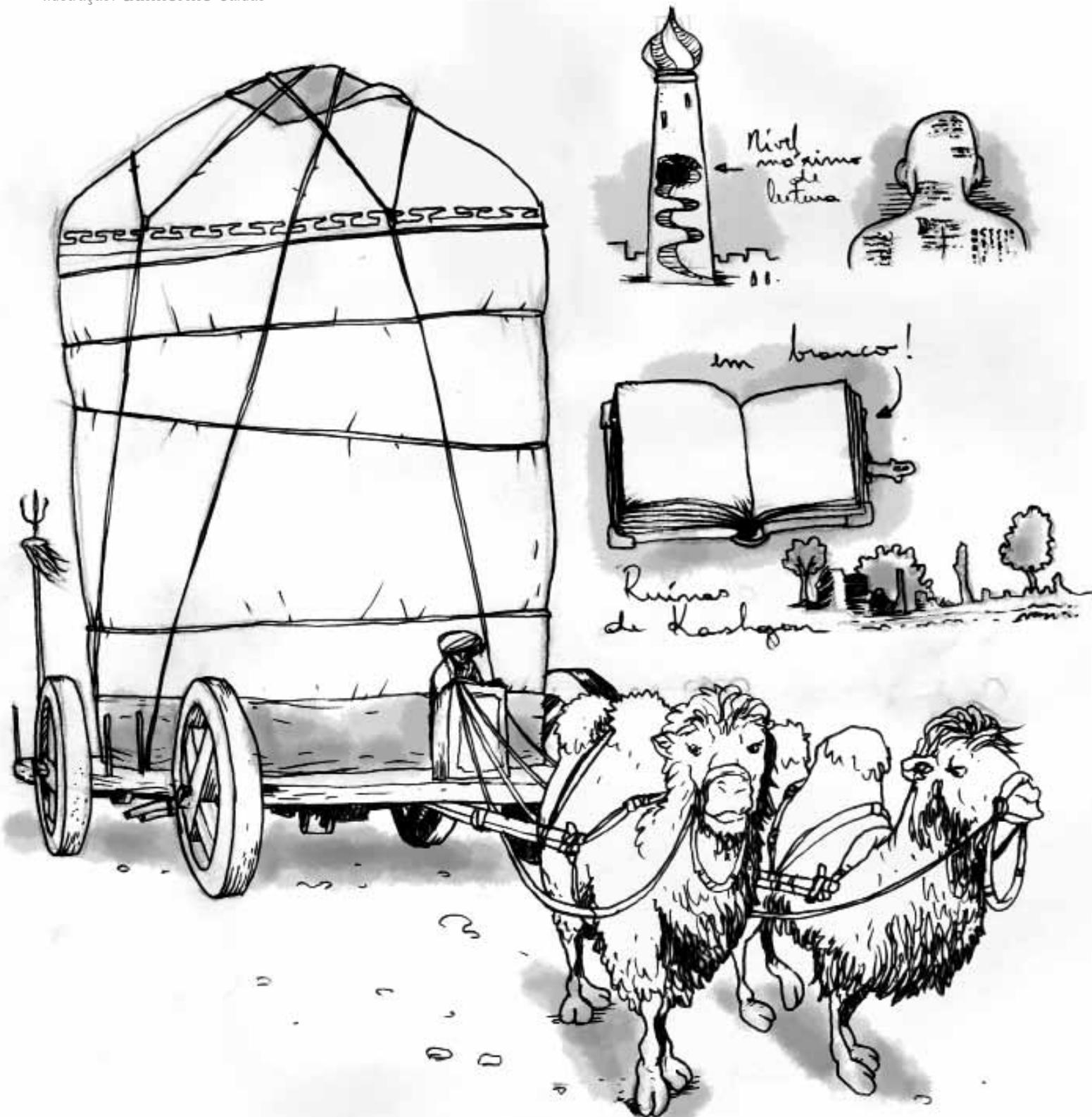
No deserto de Taklamakan há uma carroça puxada por dois camelos que, na verdade, é uma biblioteca. Seu único funcionário passa o tempo atravessando o deserto de um lado para o outro, empilhando e recolhendo livros. A carroça só possui obras sobre viagens, mas nenhum deles é sobre o deserto de Taklamakan, de modo que os leitores que pegam os livros desta biblioteca ambulante sempre fazem duas viagens ao mesmo tempo, uma com os pés e outra com a cabeça.

Triste fim teve a biblioteca de Kashgar, que só possuía livros de histórias de dragões. Para causar ainda mais medo aos leitores, a biblioteca de Kashgar só funcionava à noite, sendo iluminada por velas. Porém, um dia, um leitor mais impressionável assustou-se de tal maneira que derrubou sua chama numa das cortinas, incendiando a biblioteca, que naquela noite cuspiu fogo de suas janelas como se tivesse se transformado num de seus personagens.

Outra famosa biblioteca que fechou suas portas foi a de Si-ning, pelo motivo de ser perfeita demais. Ela continha tão somente livros eróticos, mui-

José Roberto Torero

Ilustração: Guilherme Caldas



tos trazidos da Índia, com ilustrações fantásticas, de rara beleza e raríssimo realismo. A biblioteca era decorada com tapetes em vez de cadeiras, de modo que os amantes podiam ler deitados um ao lado do outro. Com isso, em poucos anos cresceu tanto a população de Sining que as autoridades tomaram por bem acabar com a biblioteca.

Em Trebizonda, a cidade das amazonas, os livros não são escritos em papéis, mas tatuados no corpo de belos homens, que vivem na biblioteca esperando para serem lidos pelas guerreiras. Elas tocam-lhes os corpos de todos os jeitos, apalpando uma parte, esgarçando outra, levantando aquela outra, como se virassem páginas. O triste é que, quando os homens envelhecem e suas peles ficam murchas, embaralhando as letras, são eles queimados, assim como se faz com alguns livros roídos pelas traças.

Atravessando o rio Tigre chega-se à cidade de Bandahar, onde há uma singular biblioteca em que os livros são escritos pelos usuários. Ou seja, cada vez que alguém lê um livro, acrescenta-lhe uma frase, um parágrafo ou mesmo uma página, de modo que, assim como a história do mundo, as histórias dos livros jamais têm um fim e são escritas por todos.

E em Tinos achei a curiosa biblioteca das mentiras, que não aceita para suas prateleiras nenhum escrito que tenha um pingão de verdade, só aceitando livros, cartas e folhas com coisas inventadas, porque dizem os bibliotecários de Tinos que as verdades mudam com o tempo, mas as mentiras são sempre mentiras, sendo por isto muito mais honestas e confiáveis.

Maffeo Polo, 12 de dezembro de 1296. ■

José Roberto Torero é paulista, autor do best-seller *O Chalaça* (prêmio Jabuti em 1995) e de *Xadrez, truco e outras guerras*, entre outros. Seu mais recente livro é *O Evangelho de Barrabás*, escrito com Marcus Aurelius Pimenta. Vive em São Paulo (SP).



ENTREVISTA | MICHEL LAUB

“Não há como melhorar a escrita sem ser um bom leitor”

Renato Parada



Um dos autores mais talentosos de sua geração, Michel Laub também tem se destacado comandando disputadas oficinas de criação literária

FELIPE KRYMINICE

Desde 1808, ano que marca o nascimento da imprensa brasileira, nossa literatura tem mantido uma relação epidérmica com o jornalismo. Um produtivo diálogo entre a vida nas redações de jornais e a atividade solitária da literatura legou às letras brasileiras o surgimento de nomes como Machado de Assis, Lima Barreto, Nelson Rodrigues e Caio Fernando Abreu.

Embora afirme que “o jornalismo é o contrário da literatura no método, nos meios e nos objetivos”, o escritor Michel Laub trilhou um longo e importante caminho no jornalismo até chegar ao primeiro time da literatura nacional.

Editor da revista *Bravo!* por oito anos, Laub é formado em Direito, profissão que chegou a exercer por poucos meses em Porto Alegre. Também não concluiu a faculdade de jornalismo, profissão em que se consolidou no meio cultural. “Em toda trajetória profissional há um misto de vocação e sorte (ou azar)”, diz o autor sobre o início de sua carreira no jornalismo.

Laub estreou na ficção em 1998, com o livro de contos *Não depois do que aconteceu*. Mas foram romances como *Longe da água* (2004), *O segundo tempo* (2006) e *O gato diz adeus* (2009) que lhe garantiram lugar de destaque no cenário literário brasileiro. *Diário da queda* (2011), seu mais recente livro, foi vendido para o cinema e terá

edições na Espanha e na Alemanha. Na entrevista a seguir, Laub fala sobre como o jornalismo pode ajudar um escritor a tirar “as impurezas não propositais” do texto literário e sobre os principais desafios de um escritor iniciante.

É possível notar na sua obra uma característica marcante de estilo: a frase longa, sintaticamente trabalhada, que adia por alguns momentos o clímax do enunciado. Essa é uma característica que foge do texto jornalístico convencional, marcado pela pretensa objetividade e pelas frases curtas. É possível afirmar que sua profissão tem pouca — ou nenhuma — relação com a sua literatura?

O jornalismo é o contrário da literatura no método, nos meios, nos objetivos. Agora, algo da experiência de editar um texto eu acabo usando na hora de escrever, ou ao menos num segundo momento da escrita, digamos — quando eu pego um rascunho e dou ordem a ele, tiro as impurezas não propositais e tal. Também algo da experiência de ser jornalista, que obriga você a treinar seu senso de observação e ficar mais cético em relação às coisas, o que pode ser bom para a literatura.

Seus livros, em sua maioria, são marcados por narrativas não lineares. Quais foram as leituras que moldaram essa preferência?

Não sei se as leituras moldaram isso. E nem se são narrativas não lineares. Só se for no sentido tradicional de início, meio e fim, em ordem cronológica, o que, de fato, os meus livros não têm. Mas as histórias que eles contam, que se juntam em fragmentos e recursos do gênero, até que são bem tradicionais.

Diário da queda se passa em Porto Alegre e lida com temas do judaísmo. O livro saiu no ano da morte de Moacyr Scliar, escritor gaúcho e judeu. Qual era a sua relação com a obra dele?

Em termos de influência, nenhuma. Mas eu gostava muito de algumas coisas que ele escreveu, em especial os contos que tratam de crianças perversas e de *A majestade do Xingu*, para mim o melhor romance dele (embora não o mais típico). Pessoalmente, o Scliar foi um cara muito querido por todos e sempre que pôde me ajudou (a mim e a muitos outros autores que estavam começando).

Em Diário da queda você faz diversas referências ao livro *É isto um homem?*, de Primo Levi. Utilizar a literatura como temática pode se tornar algo recorrente demais para o escritor, a ponto de se tornar um lugar-comum?

Como tudo em literatura, depende da forma como se usa. No caso citado, o livro tem uma função muito específica dentro da história que me propus a contar, e seria impossível contá-la sem citá-lo.

O jornalista Paulo Werneck, numa resenha de Diário da queda na Folha de S. Paulo, disse que “a literatura gaúcha, neste início de século, já sem tintas regionalistas, se firma como principal celeiro de escritores brasileiros”. Qual é a sua impressão sobre a literatura gaúcha contemporânea? É possível identificar uma “marca” da literatura gaúcha, paranaense ou paulista?

Hoje em dia é muito complicado falar em afinidades estéticas regionais. As pessoas da mesma idade têm acesso a informação do mundo todo via internet, estejam elas morando em Porto Alegre, em Curitiba ou em Manaus. Então não há por que eu ter mais afinidade com meu vizinho de quem não sei o nome do que com alguém que mora em outro Estado, mas conversa comigo via redes sociais todos os dias. O que há em Porto Alegre são as oficinas literárias, um circuito regular de feiras do livro, índices bons de leitura entre a população, esse tipo de coisa, então é claro que há mais estímulo para que surjam escritores lá do que em

locais onde não há nada disso.

Você foi editor-chefe da revista Bravo! Como essa experiência de editar uma revista de cultura, que fala sobre diversas manifestações artísticas, te influenciou como escritor? Ou isso não foi importante para o seu trabalho como ficcionista?

O trabalho de editor, como falei, me influenciou na hora de ajeitar um texto, ver o que funciona ou não nele em termos de ritmo, vocabulário, ideias. Isso pode ser muito útil na literatura, mas pode atrapalhar também, tirar dela certa espontaneidade.

Você é formado em Direito, mas sempre trabalhou com jornalismo. Como você foi parar nas redações? Você também foi editor da Bravo! bastante jovem, como isso aconteceu?

Por uma série de circunstâncias. Um acidente grave de carro me fez decidir trancar a faculdade de Direito e passar um tempo viajando. Escrevi um diário durante essa viagem. Um jornalista amigo da família leu esse diário e me chamou para fazer matérias na revista onde ele trabalhava (a *Carta Capital*). Um colega dele leu essas matérias e mais tarde me chamou para fazer parte da equipe da revista que iria fundar (a *Bravo!*), e por aí vai. Em toda trajetória profissional há um misto de vocação e sorte (ou azar).

Numa entrevista recente, você disse o seguinte: “O importante mesmo são as ideias. O estilo vai se adequar a isso, de uma forma ou de outra, quase como se fosse um mero instrumento. É um exagero, claro, mas tem um fundo de verdade, que sinto cada vez mais no que escrevo: a irrelevância, por vezes, de ficar ajeitando muito, fazendo muito rococó”. Em outras palavras, o que interessa mesmo é saber contar uma boa história?

Não. Tudo interessa: ideias, linguagem,

ENTREVISTA | MICHEL LAUB

Renato Parada

ritmo narrativo, história (ou falta de história). Cada escritor opera de um jeito. Tenho a sensação de que meu último livro, *Diário da queda*, vale mais pelas ideias e a história do que pela linguagem em si. Mas ele não deixa de ter um trabalho até que bastante elaborado de linguagem (custou meses e meses de chateação, posso garantir). Como disse na entrevista, claro que a frase é um exagero. Sem linguagem, seja ela opaca ou transparente, sofisticada ou simples, não se vai a lugar nenhum.

Você participou da oficina de criação literária do Assis Brasil e hoje ministra suas próprias oficinas. Desde que surgiram, as oficinas de criação literária despertaram debates acalorados sobre sua eficiência. Como são suas oficinas e qual o benefício que elas trazem a quem quer iniciar uma carreira literária?

São oficinas relativamente curtas, que trabalham com o gênero conto e a partir de exemplos concretos, de textos produzidos pelos alunos. Procuro fazer com que o cara saia lendo melhor do que lia quando entrou. Já é um passo importante, maior do que muita gente pensa. Não há como melhorar a escrita sem ser um bom leitor — dos textos alheios e dos seus próprios.

William Faulkner dizia que a literatura é baseada num tripé: observação, experiência e imaginação. Para você, qual dessas qualidades um escritor deve cultivar com mais afinco?

Imaginação não dá para cultivar. Ou se tem, ou não se tem. Os outros itens também dependem pouco de vontade: experiência você pode buscar ter, mas só o tempo traz algo significativo nessa área. Até porque isso pode significar passar os anos viajando, vivendo perigosamente, bebendo, trabalhando num escritório ou dormindo no seu quarto — um escritor de talento vai transformar qualquer des-

sas situações em boa literatura, e um sem talento, não. Quanto à capacidade de observação, há alguma margem para melhora aqui e ali, mas pouca — no fundo, você nasce com isso ou não. Em literatura, a única coisa que dá para “cultivar com afinco”, no sentido de treiná-la e desenvolvê-la, é a técnica. Por meio dela até dá para driblar a falta de um dos itens do tal tripé. Mas driblar dois ou os três ao mesmo tempo fica difícil.

Depois que começou a publicar e se tornou um escritor reconhecido no cenário nacional, o que mudou em sua rotina de leitura? Lê menos ou mais? Como diz Raduan Nassar, consegue afiar a lâmina com as leituras?

É a mesma coisa. Se algo mudou nesse tempo, foi a internet, que me faz ler menos livros longos e mais textos curtos e bobagens variadas. Mas são fases. Agora, por exemplo, ando sem paciência para ficar tantas horas na frente do computador e voltei a ler bastante ficção, o que andei uma época sem fazer.

Em uma entrevista você dizia que, quando começou a escrever, tentava imitar os contos do Rubem Fonseca e que isso fazia mal ao que escrevia. De que maneira o escritor deve filtrar sua influência? Como faz para que os autores que aprecia não contaminem sua literatura?

No início é inevitável que você imite algum outro autor, voluntária ou involuntariamente. Com a técnica e os anos, seu repertório aumenta e se torna mais fácil evitar isso. Não só porque você passa a ter mais a dizer, mas porque a experiência ensina a perceber, quase instintivamente, quando algo que você está fazendo é de segunda mão, não tem uma verdade sua ali. ■



Memória coletiva

Com um acervo de mais 100 mil itens, a Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná preserva a memória do Estado

FELIPE KRYMINICE

Com um dos acervos mais completos do Paraná, a Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná se tornou, ao longo das décadas, uma espécie de farol a quem quer conhecer mais sobre a rica história do Estado. Materiais com informações sobre fatos políticos — como a Guerra do Contestado — e culturais — como o surgimento da revista *Joaquim* — atraem, diariamente, centenas de leitores.

A Paranaense, como a Divisão é conhecida pelos usuários, tem uma coleção diversificada, composta por vários tipos de suportes de informação, como livros, periódicos, obras raras, mapas, fotografias, cartões postais, partituras musicais e microfimes. “O setor é responsável por resgatar, selecionar, guardar, preservar e disponibilizar à comunidade documentos e informações históricas e culturais do Paraná.”, explica Josefina Palazzo Ayres, chefe da Divisão.

O acervo de mais de três mil periódicos — entre jornais e revistas — está entre os mais procurados. A Divisão guarda preciosidades como a primeira edição do *Dezenove de Dezembro*, o primeiro jor-

nal paranaense, fundado em 1854, mesmo ano da emancipação política do Estado, por Cândido Lopes, que hoje dá nome à rua em que a BPP está sediada.

A diversidade do acervo atrai um grande número de usuários, constituído em sua maioria por estudantes e pesquisadores em busca de informações para trabalhos acadêmicos. Alunos do ensino fundamental e profissionais da imprensa também costumam pesquisar o acervo.

“Aqui na Divisão há um grande e intenso fluxo de estudantes que estão realizando pesquisas para trabalhos acadêmicos. Mas também há pessoas que vêm por pura curiosidade, que pedem para ver o jornal do dia em que nasceram ou de alguma outra data especial e marcante. De um modo geral, há grande interesse por parte dos usuários em materiais e documentos antigos. O que, para nós, só aumenta a importância do trabalho de preservação da memória de nosso Estado”, diz Josefina. Segundo ela, a Divisão também é depositária da memória biográfica paranaense, conforme decreto estadual do ano de 1964, que regulamenta o envio à Biblioteca Pública de obras originárias do Poder Executivo do Estado do Paraná.

Os itens excedentes do acervo da Divisão são distribuídos nas demais seções da BPP, para que o usuário possa ter acesso ao material. Já os materiais não incorporados ao acervo, são encaminhados para bibliotecas públicas municipais, por meio da Divisão de Extensão.

Paralelamente ao trabalho de preservação e conservação do acervo local, no contato e convívio com o usuário, procu-



Acervo da Divisão de Documentação Paranaense.

ra-se conscientizar o pesquisador, mostrando a importância e o significado do trabalho de preservação do patrimônio intelectual do Estado do Paraná.

Microfilme

Com a intenção de preservar a qualidade dos periódicos originais, e diminuir o volume dos arquivos, parte do acervo é disponibilizada por meio de um processo denominado microfilmagem, que consiste em um sistema de captação das imagens de documentos por processo fotográfico. No total, são mais de cinco mil e quinhentos rolos de microfilmes disponíveis. “A fim de evitar o desgaste natural dos originais, os periódicos retrospectivos (referentes a jornais que já não circulam mais) e correntes (ainda em atividade) são encadernados e microfilmados”, diz a chefe da Paranaense.

A ação de microfilmagem teve início nos anos 1980, por meio de um convênio com a Fundação Biblioteca Nacional, que realiza esse trabalho em âmbito nacional. Na BPP, essa atividade é desenvolvida com o apoio da Divisão de Preservação. Os primeiros trabalhos de microfilmagem foram os de revistas e jornais retrospectivos paranaenses. Depois, se estendeu aos demais periódicos. ■

Direitos autorais

A Divisão de Documentação Paranaense também é responsável pelo Escritório de Direitos Autorais — Representação Regional do Paraná. O escritório é resultado de uma parceria técnica entre a Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná e tem a finalidade de conscientizar os autores paranaenses da importância do registro de suas obras, buscando uma valorização artística e intelectual, protegendo, assim, a produção cultural do Estado e proporcionando condições de divulgação.

A Seção de Depósito Legal e Direitos Autorais, oferece a oportunidade do registro de Direitos Autorais sobre os mais diversos tipos de documentos.

CONTO





PRINCESA

Livia Garcia-Roza

Ilustração: Francisco Gusso

Pode se chegar, gente boa, relax, não é assalto, é ensinamento dos *brother*. Vem, vem se chegando. E aí, meu chapa, se liga em cuspe a distância? Não é assim que fala, meu irmão? Vai pagar nada. Nossa parte é essa. Tamo aqui na diversão. Pelo jeito tu também. Pra andar com esse passo mole, tu não é daqui, certo? Atenção, malandro, que tu dança. Tá falando fofo assim porque tomou umas, né? Se aproxima, princesa, vem arejar sua formosura. Tava faltando dama no pedaço, né, pessoal? Mas e aí, galera? Mando uma placa mortal, tão sabendo? Aditivada. Seguinte, meu irmão: atenção que não vou explicar duas vez, isso tem que ser pegado no jato. Na areação. De primeiro o cara tem que desligar, de repente a cara dele para, os olhos também dão aquela freada, tão acompanhando, pessoal? Aí, nessa hora, o peito estufa, ele funga, cava lá no fundo da boca oval, e daí ele mira e lança com força e o cuspe sai tinindo em linha reta. Míssil da paz, mano, vindo do interior mais subalterno do indivíduo. Voo bonito pra caralho, e o cara sente aquela satisfação; e se a carga encontrou o anonimato, sem problema, ele mandou bem. Valeu. Rindo, princesa?... Se amarrou no voo do caralho, né? Tô sabendo... Mas agora eu requero a vossa atenção, aí, gente boa, só macho domina essa modalidade de esporte!, desde a remoção da infância. A mulherada tá fora dessa jogada, me perdoe as dama, mas pontaria é fundamental, e é do que elas carece. É arreMESSO complicado porque num tem escola. Já escutei que até agora não cuspi porra nenhuma, guenta aí, ô meu... tá com pressa, mané? Vê se se liga que aqui num tem nego correndo, num é assalto, já dei ex-

plicação. Cusparada é coisa de macho, o sujeito tá sempre mandando o que chega pelas borda do corpo até sair por algum dos orifício. Sempre assim, in puto e fora do putto. Tão entendendo a evolução? Acompanhando a ejaculação? Ninguém aqui é precisado de aula. É questão de pontaria, já disse. A primeira vez mandei legal, puta tiro, tão escutando? Virei macho com agá. E de lá pra cara é enxurrada à toda hora. Tão a fim da exibição? E o dinheiro, tá na mão? Então dão um tempo no lance, que vou dar um recado ali naquela formosura. Preparando a artilharia pessoal!

Vamos lá, princesa, o ambiente aqui num tá prepúcio pra senhorita, que logo se vê que é dama de altas mansão e fidalguia distinta. Posso seguir-vos alguns passos? Não sei se atinaste que o espetáculo era tão somenos pra chamar a atenção de vossa persona. Grata, sei que estás, vê-se o polimento do berço esplêndido. Peço perdão pelas palavras de calão baixo, porque só assim captam o proferido. Quando no outro sim divisei vossa visão, meus olhos faisaram obnubilado, e assim estão até o momento desse passeio pela orla marítima e terrestre, e quem sabe — quem de nós saberão? — exorbital. Pensemo positivo que alcançaremos estrela, qualquer Ursa tá valendo, certo? Atenção, princesa, pedregulho à vista; não tropeçais, pelo amor deste servo encantado com vossa formosura totalitária. Não são todas que desfilam com garbo e cortesia, repareis?

Tarde amena e gentil, né? Talvez... Vejo um cúmulo à vista fina. Gostarias de uma estancadinha a fim de saborear um suco refrigerado? Concordais então?

Quantos anos têm a jovem? 22? Mas este é um sábado lotérico! Façamo então um pouso instantâneo. Qual é mesmo sua graça? Lenora? Leonora? Oh, claro, Heitora! Filha legitimada de Heitor, ora ora... Prefere ser chamada de Ôra, oh, claro, Ôra, com *mucho gusto*. E o suco, minha flor, também tá a *su gusto*? Quanto esplendor oferece essa orla coalhada de despelada que mal chega a seu calcanhar, não é mesmo, gente esbelta?... E se não for inconveniência intrépida, gostaria que a princesa, com sua altíssima presença, conhecesse os meus aposento. E já que tropecei no assunto, quantos metro a princesa disporá? Um e oitenta... Mas é uma manekan! São só poucos concretos à frente, alteza, não se distraia no calçamento pra cabrito, sempre traiçoeiro com a fineza dos sapatos das dama, de todas as maneira, aqui estou pra amparar queda súbitas, saca?

Caminheemos pois, princesa minha, com todos os passo que enlevam aos meu domínio, e ao abraço que certamente posso me permitir, correto? Que delícia o por arejamento da sua pele em contato com a epiderme do meu tórax... Posso, por ventura, enlaçar vossa cintura, minha dama da orla, e de outras afins, que de momento escapam num sem fim de pensamento de través. Pronto, ei-nus! Não repare na modéstia, princesa. Tudo aqui tá arrodado de objeto de difícil captura. Estás um pouco cansada de veras? Podereis repousar no pufé ou no sofá. Ou quem sabe no leito. Gostarias deste último reconduto? Antes precisas ir à latrina? Peço então que se dispa de tudo, dos preconceito e das intimidade, e seja feita a vossa vontade e a minha, que sempre bradei ao céus! E ele disse: Vai

que é tua!, Amadeu... Até agora não me apresentei: Amadeu Serafim, às suas ordens, princesa Ôra, Ôra, Ôra...

Mas tu é uma fragrante delícia, uma musse, manja? Conheces essa iguaria da nossa famosa baixada fluminense? Que som perfurador foi este? Ah, o celular. Como não, a senhora sua mãe, a distinta pré-genitora. Os seios protuberantes possuem algum ingrediente, minha flor? Ah, são natureza... Não, não se aborreça, mãe são muita transtornação... Relax, princesinha. Elas existem em bando. Não sei se tiveste visto as mãe da praça de touro. Um porrihã, não leva a mal a devida expressão. Temo mais mãe que filho em tudo que é parte da atmosfera terrestre, certo? A galera num guenta o repuxo do cuidado. Mas é tanta curva no aldelgaçado do teu corpo que me brotou uma leve tonteireza. Um repente, por sinal. Por que gritaste? Ah, com a tua mãe. Deixa os arrulho pra lá, princesa... Ai... ai... que penetração! Num chora, caralho... Perdão, minha princesinha... Mas que orifícios, preciosa! Tava morto de fome... Num grita, coração, calma com a mamãe, vai, remelexa, assim, estás puta, claro, então dê uma reboladinha, vai, entrementes acelero pra atingir o climatério desse mundaréu, vai, vai... Vamo que vamo, né, realeza?... Hein? Ela quer falar comigo? Agora? Mamãe!! Uiiiff... Quanto prazer!! A senhora nem imagiina... ■



Livia Garcia-Roza nasceu no Rio de Janeiro e é psicanalista. Estreou na literatura de ficção em 1995, com o romance *Quarto de menina*. Depois vieram *Meus queridos estranhos*, *Cartão-postal*, *Cine Odeon*, *Solo feminino*, *A palavra que veio do Sul*, *Faces*, entre outros. É organizadora da antologia de contos *Ficções fraternas* (2003). Vive no Rio de Janeiro (RJ).



Fotos: Glória Flügel



Nas máscaras do descarado as mil caras do mascarado

Nelson de Oliveira
escreve sobre a obra
literária de Manoel
Carlos Karam

NELSON DE OLIVEIRA

Manoel Carlos Karam? Conheci o bucaneiro com olhos de panda em 1999, em Sampa, no lançamento de seu quarto livro, *Comendo bolacha maria no dia de são nunca*. Tenho certeza da data porque guardei o convite dentro do livro (sim, meus jovens, no século passado os convites eram impressos). O lançamento aconteceu na extinta livraria Futuro Infinito, no dia 30 de setembro de 1999. Mal terminei de escrever a oração anterior e já senti um arrepio. Brrr. Paro de escrever. Sensação ruim. Um estremecimento provocado pela proximidade entre duas palavras: *extinção* e *futuro*.

Não gosto de ver o tempo devorando seus melhores filhos. Isso tem acontecido muito na literatura brasileira. Ficcionistas competentíssimos, como Maura Lopes Cañado, Uilson Pereira e Holde-mar Menezes, faz anos que desapareceram das livrarias. Seus livros não conseguiram chegar ao século XXI. Fascinantes livros. Eu convivia com eles na juventude. Muito me ensinaram sobre o delírio e a loucura. De repente, desapareceram do grande circuito das letras. Viraram raridade, coisa de colecionador. Hoje estão restritos a pequenos guetos: sebos, bibliotecas, coleções particulares. Amanhã, quem sabe: apenas poeira? Com a obra de Karam tenho medo que aconteça o mesmo. Que o futuro signifique a extinção.

Sorte nossa que leitores-escritores-editores como Joca Reiners Terron e Paulo Sandrini, apaixonados pela obra de Karam e de outros transgressores, gostem de remar contra a maré, contra a indolência do mercado editorial. Na virada do século a intrépida Ciência do Acidente, do Joca, publicou *Comendo bolacha maria no dia de São Nunca* e *Pesçoço ladeado por parafusos* (2001). Mais recentemente, a não menos destemida Kafka Edições, do Paulo, publicou *Jornal da guerra contra os taedos* (2008) e relançou os três primeiros títulos do autor: *Fontes*

murmurantes (publicado originalmente em 1985), *O impostor no baile de máscaras* (1992) e *Cebola* (1997), que formam a Trilogia de Alhures do Sul.

No universo dos livros, o combustível da extinção é sempre a inércia. Os livros do Karam continuam aí, saudáveis, ainda disponíveis nas livrarias, porque dois leitores-escritores-editores malucos — heróis da resistência — decidiram ser parte da solução, não do problema. Karam vive! Oxalá Jamil Snege e Valêncio Xavier, atualmente na UTI, tenham a mesma sorte. Maura, Uilson e Holde-mar não tiveram.

Comendo bolacha maria é uma coleção excêntrica de aforismos, anedotas, jogos verbais, petiscos e safadezas. Praticamente todos os gêneros de prosa, do microconto ao monólogo teatral, dão as caras nesse divertido livrinho. Os personagens estão em perpétua perplexidade. A maioria não tem nome nem qualquer característica fundamental, nada que diferencie um do outro. São figuras sem identidade própria, sem gênero ou idade bem definidos, que tagarelam sobre banalidades e epifanias. São acima de tudo figuras muito engraçadas: tipos paranoicos, esquizofrênicos, obsessivos, zombeteiros.

Nessa multidão anônima, uns poucos protagonistas ganham rosto e certos atributos socioculturais: há, por exemplo, o sequestrado e os sequestradores, o doente dos nervos, o burro diletante, o delegado e o detetive particular, o taxista e o colecionador de nuvens.

Manoel Carlos Karam? Um dos nomes mais admiráveis da geração 80 de ficcionistas brasileiros. Aí está um sujeito perspicaz e bem-humorado. Essa foi a primeira impressão que eu tive ao conhecer o autor, na finita Futuro Infinito. Mais tarde, durante a leitura de *Comendo bolacha maria*, veio a segunda impressão: aí está um ficcionista competente. Tempos depois, Karam me enviou pelo correio seus primeiros títulos, que hoje formam a Trilogia de Alhures do Sul.

Com eles, veio a terceira impressão: aí está um sujeito atencioso, gentil. Já a quarta e mais forte impressão veio com o tempo: aí está um homem generoso. Karam sempre foi um ótimo interlocutor, principalmente quando em contato com os escritores mais jovens.

De todos os livros que publicou, o meu predileto é *Encrenca* (2002). Este romance é sobre moedas e acasos, sobre cidades chamadas Relva, Branco e Baires, sobre ruas chamadas Nova Heureca e Dezembro, sobre bares chamados About e Bispo Kg, sobre uma praça chamada Ontem, um café chamado Café Café e uma lanchonete chamada XY&Z. Sobre automóveis — ah, a cidade em alta velocidade! — do tipo Clap, do tipo Stella e do tipo Mail, sobre aspirinas da marca Shift, sobre bebidas chamadas Bambu e Gerard, sobre músicas chamadas “*La cumparsita*” e “*Guarda-chuva*”.

Encrenca? Essa história é sobre ladrões de diálogos, sobre transmissores de pranto, sobre Belbeltrana, moça muito interessante, seu gato Fitg e sua tartaruga Ftig. Essa história é sobre Invetral 2.500, medicamento capaz de alterar as propriedades do tempo e da memória. Ficção científica? Não: delírio em gotas, feito o colírio alucinógeno do Macaco Simão.

O fato indiscutível é que, não importa o livro, os personagens de Karam — os com cara e os sem cara bem definidas — são todos muito parecidos. Na verdade, são idênticos. A mesma voz, a mesma verve, a mesma visão amarga de mundo. Valêncio Xavier acertou na mosca quando avisou que Karam estava escrevendo o mesmo livro indefinidamente. Não só todos os personagens formam uma entidade única, uma superconsciência, como o mesmo jogo-brincadeira (expressão de Valêncio) vai sendo disputado livro após livro, com pequenos intervalos de uma encadernação para outra.

Esse sistema narrativo por si só já foge do convencional, porém o jogo continua também no palco. Antes de se tor-

“ *Comendo bolacha maria* é uma coleção excêntrica de aforismos, anedotas, jogos verbais, petiscos e safadezas.

“ Karam sempre insistiu no enredo labiríntico, nos protagonistas espiralados, na topografia onírica





nar ficcionista, Karam foi um dramaturgo prolífero, que escreveu e dirigiu vinte peças de teatro na década de 1970. Basta dar uma espiada em peças como *Bicho-de-sete-cabeças* (1975) e *Doce primavera* (1976) para perceber que ele escrevia para o palco da mesma maneira que escrevia para o papel impresso e encadernado.

Muitos de seus personagens literários, aliás, têm um forte vínculo com o teatro. Por exemplo, os amigos Benjamim, Hopalongue, Maria, Marta Júnior, Oliveira, Serafim e Silvestre, de *O impostor no baile de máscaras*. Eles protagonizam capítulos-esquetes e se expressam por monólogos ou por longos diálogos, prato cheio para qualquer adaptação para o palco.

Benjamim é apaixonado por música (“Chega um ponto em que você ouve música mesmo quando não há música tocando”). Hopalongue gosta de cavalos,

mas não tem nenhum em casa (“Quem gosta de elefantes também não”). Maria gosta de ir à estação assistir à chegada dos trens (“A paixão exige paciência”). Marta Júnior é a atriz de cenas sublimes (na primeira página de seu diário-coletivo ela escreveu: “Nós somos os caçadores da figurinha difícil”). Oliveira gosta de se disfarçar, nas histórias que ele mesmo conta (será ele o impostor no baile de máscaras?). Serafim acha muito complicado viver em finais de século (“Polaca não é nome nem apelido, polaca é marca de fantasia”). Silvestre costuma andar por aí falando sozinho (“Vou acender o cigarro de todos os habitantes da cidade”). São sete anti-heróis que vivem situações verdadeiramente falsas, falsamente verdadeiras. Sete contraventores que, só de farra, gostam de fechar ruas e avenidas com tabuletas em que se lê: “Trânsito impedido”. Juntos, são um bi-

cho-de-sete-cabeças-borbulhantes.

Nunca conversei sobre isso com o bucaneiro mais célebre de Alhures do Sul, porém, considerando as cores absurdas desse *Impostor* e de seus outros livros, acredito que Ionesco e Beckett, meus prediletos no teatro, também deviam ser autores caros a Karam. Os três têm em comum o humor demoníaco que demole as instituições e a estupidez reinante.

A boa notícia é que uma parte importante do teatro de Karam será em breve reunida em livro pela arrojada Kafka Edições. Além de uma alentada iconografia, a antologia trará dois resgates (as peças citadas acima), duas adaptações da obra literária (*Encrenca*, de 2007, e *Picando uma cebola em chamas*, de 2008) feitas por leitores-atores-dramaturgos malucos — heróis da resistência: Nadja Naira, Luiz Felipe Leprevost

e Michelle Pucci —, e três peças inéditas, entre elas *Ovos não têm janela* (adoro esse título). De quebra, a editora lançará também um volume inédito de ficções: *Um milhão de velas apagadas*.

Karam sempre insistiu no enredo labiríntico, nos protagonistas espiralados, na topografia onírica. Para ele, a literatura era farra e fanfarra, era a desforra do instinto contra a razão burocrática. Enquanto os heróis da resistência continuarem cavando trincheiras e erguendo barricadas, seus livros não desaparecerão. ■

 **Nelson de Oliveira** nasceu em Guaíra (SP), em 1966. É romancista, contista, cronista, ensaísta e organizador de antologias. Em 2011, ganhou o prêmio Casa de las Américas, pelo livro *Poeira: demônios e maldições*. Organizou diversas antologias, como *Geração 90: manuscritos de computador* ((2001) e *Geração Zero Zero* (2011).

CONTO

ILHA DE NOSSA SENHORA FULANA DE TAL E OUTROS NOMES

Manoel **Carlos** Karam

A Ilha António chamava-se assim em homenagem ao seu descobridor, mas mudou para Ilha da Sereia porque uma lenda ganhou mais força que o descobridor.

O nome seguinte foi Ilha dos Papagaios Vadios, dado por um governador que, segundo os cronistas, gostava de grajeos, pois a ilha não tinha papagaios.

A Ilha dos Papagaios Vadios virou Ilha das Bateiras (na voz do povo, Ilha das Bateras), homenagem às embarcações dos pescadores que viviam nos rios de pouca água e não se sabe se de muito ou pouco peixe, mas pescadores que provavelmente tinham as simpatias do governador da época — a história de que um dos pescadores de bateira chegou a governador é chamada de lenda pela maioria dos cronistas.

O nome passou, por influência religiosa, para Ilha de Nossa Senhora das Fontes Murmurantes ou Ilha de Nossa Senhora dos Ventos Uivantes — os cronistas divergiam, dois deles chegaram a se bater em duelo, que terminou empatado, dois mortos.

Outro empate quando os defensores do nome Ilha de Nossa Senhora das Fontes Murmurantes e Ilha de Nossa Senhora dos Ventos Uivantes chegaram a um acordo, e o novo nome foi Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal.

Durante a Grande Estiagem, também chamada de Big Estio, algumas vezes grafada como Big Stio,

chamou-se Ilha dos Guarda-Chuvas Fechados, mas não em todos os documentos, numa parte deles continuou Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal por intransigência religiosa.

Alguém teve o cuidado de eliminar as referências ao nome Ilha do De Vez Em Quando, mas não conseguiu apagar todas, algumas escaparam, como aconteceu com os registros da Funerária Sempre, documentos disputadíssimos em leilões.

A guerra civil foi pródiga em mudanças de nome. Quando os do Norte estavam ganhando, mudou para Ilha do Norte Glorioso. Quando os do Sul estavam à frente, Ilha do Sul Vitorioso. Quando terminou a guerra civil, ela recebeu o nome Ilha da Grande Merda, mas nem todos os historiadores confirmam, alguns usam o nome sem a palavra Grande.

Quando os dez mandamentos viraram lei civil, com punições militares, a Ilha do Olho Que Tudo Vê teve grandes progressos econômicos, mas os pecadores ficaram de fora.

Ilha dos Furacões Bonzinhos não foi um nome muito correto, por isto trocado rapidamente para Ilha dos Furacões de Verdade, que também não agradou e acabou em Ilha da História Mal Contada.

Uma das fases religiosas resultou na Ilha do Convento das Emmas Descalças, tendo sido para isto construído um convento. Desde o início, a intenção era de um nome que não durasse muito,

suposição a partir da escolha do local do convento, bem no caminho dos furacões.

Ilha das Metáforas foi o nome que menos tempo vigorou. Não durou uma semana. Piada de mau gosto, disseram uns. Piada infame, disseram outros. Nem como piada, disseram ainda outros. Mas não foi isto que liquidou o nome em tão pouco tempo. Houve uma emergência que obrigou a escolher um nome estratégico.

Na tentativa de invasão da ilha pelos taedos, foi chamada de Ilha dos Jacarés. Dizia-se que os taedos tinham medo de jacarés. Como se sabe, não tinham, e a tentativa de invasão passou para a fase seguinte.

A reconstrução da ilha, após o desinteresse e a retirada dos taedos, durou quatro anos. Nos dois primeiros, continuou sendo Ilha dos Jacarés. Mudou para Ilha do Baile de Máscaras, nome que permaneceu até faltar um mês para terminar a reconstrução. Foi aí que ela passou a se chamar Ilha X, como é citada pelo mágico na sequência da chuva no filme *Slothrop*, de Percival Bartlebooth.

Quando a ilha deixou de ser encontrada pelos navegadores, chamava-se Ilha X. Permaneceu assim nos mapas até que deixou de ser encontrada também pelos geógrafos. O buraco no meio do oceano, visto até hoje no mapa exposto no Museu de Todas as Ilhas, em Alhures do Sul, está realmente no ponto exato onde a Ilha X existiu para alguns mapas.

Mas a possibilidade do buraco ter sido feito por traças é muito grande.

Outras informações:

Moradores da ilha reclamavam da troca frequente de nome. Diziam que prejudicaria a população assim que a ilha tivesse um serviço de correios. A história memorizou apenas os muitos nomes da ilha, nenhum nome de governador da ilha.

Os arqueólogos não encontraram qualquer indício de que a definição de ilha (uma porção de terra cercada de água por todos os lados) fosse conhecida.

Um cronista da época sugeriu que em vez de nome a ilha tivesse números. Em algarismos romanos. Daí alguma confusão histórica com o último nome da ilha.

A frequente troca de nome causava atritos. Em qualquer encontro de meia dúzia de pessoas havia divergência sobre qual era o nome atual da ilha. A guerra civil começou numa reunião familiar para comemorar um batizado.

Nunca houve repetição de nome. Pelo menos ninguém reparou.

O título deste relato optou por um dos nomes da ilha. Poderia ter sido outro. É que alguns ficavam muito longos, outros muito curtos. Este ficou de bom tamanho. ■

 **Manoel Carlos Karam** nasceu em Rio do Sul (SC), em 1947. Viveu em Curitiba de 1966 até 2007, ano de sua morte. "Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal e outros nomes" faz parte do livro inédito de contos *Um milhão de velas apagadas*.

Jornal da guerra contra a gente mesmo

LUIZ ANDRIOLI

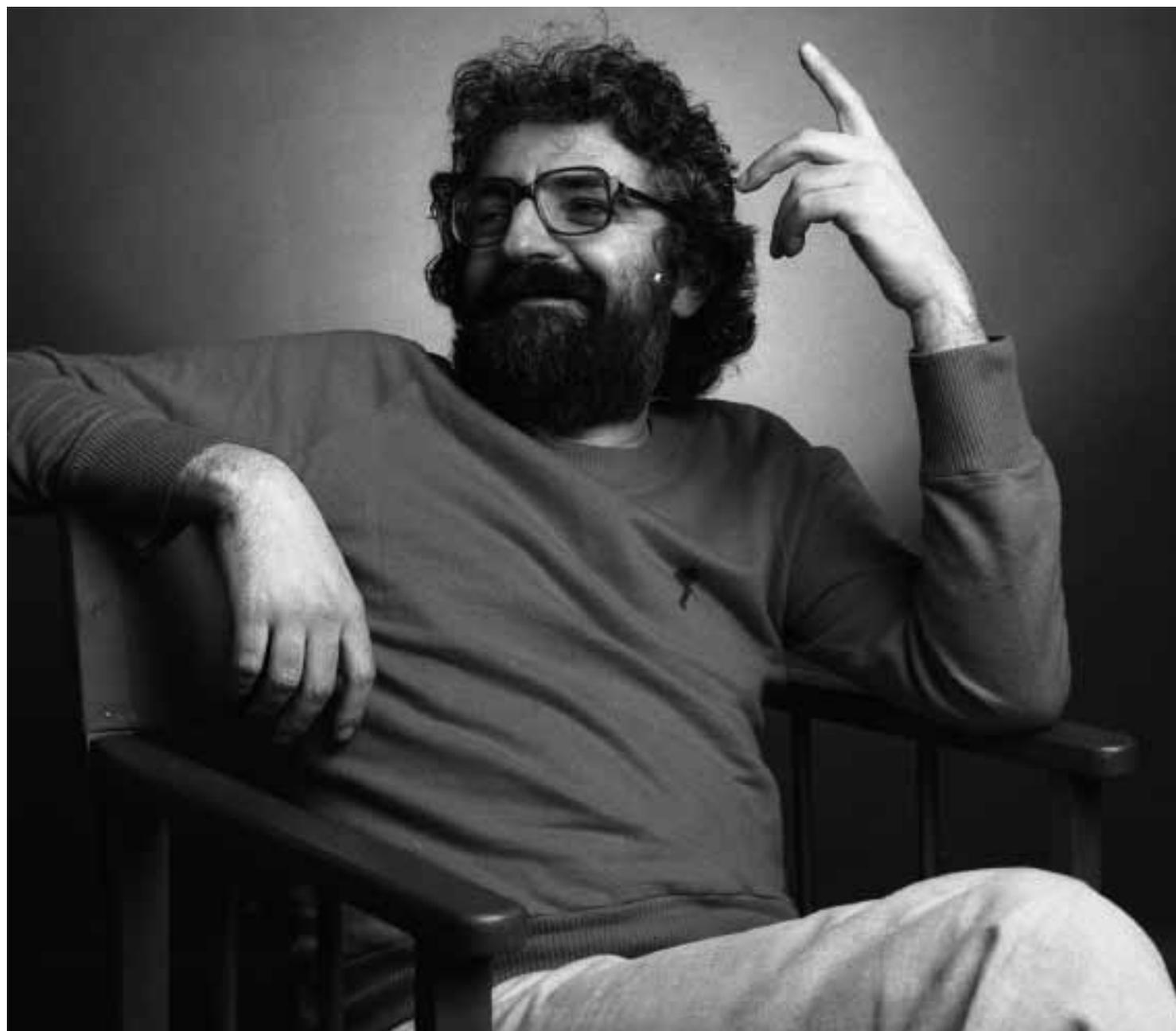
Te conheci pela fresta da porta. Foi no meio da fuzarca de uma produtora de vídeo que fazia a campanha política de um candidato. Estávamos na Curitiba da década de 1990. Eu devia pegar uma fita em uma das ilhas de edição. Meu cicerone, depois de me apresentar algumas figuras do local, apontou de longe: e ali está o Karam. Um porto no meio da histeria com o objetivo de fazer o próximo prefeito da capital ecológica. Soube então que era você quem escrevia o plano de governo. Aquilo ficou me incomodando por um bom tempo. Eu, ainda um estudante de jornalismo, via na literatura um escape, uma fonte de digressão, rebeldia e tudo mais que não poderia caber nas pesquisas que definem uma vitória política.

O que fazia um escritor do seu estilo no meio de tantos interesses?

Junto com a pergunta, fiquei com a imagem daquele jeitão taciturno por trás da barba branca entre os gritos dos marqueteiros do comitê. Existia, sem dúvida, um jeito Karam inabalável dentro daquilo tudo que ainda não me descia.

Sim. “Ainda não me descia”. Já te falo por quê.

Meio que sem querer, virei repórter de TV uns anos depois. E totalmente de paraquedas caí em uma redação chefiada por você. Daria para preencher algumas páginas com passagens cheias daquele seu humor fino que deixava a gente em suspenso uns dois ou três segundos. Todas as seguranças dos manuais de redação (que ensinam a escrever



por vias previsíveis) poderiam ser solenemente ignoradas em nosso jornal. O laboratório estava formado. Uma turma ainda aprendendo a empunhar microfo-

nes e outra já tendo rodado os quilômetros das redações tradicionais e cansada de fazer o que sempre foi feito. Tínhamos tudo para realizar um bom traba-

lho, brincar, inovar, propor um jeitão de abordar a notícia fora do esperado.

E fizemos um bom trabalho. Só que ninguém percebeu. Estávamos em

uma emissora pública de pouca audiência. Traço, pra falar a verdade, na maioria das vezes.

Ei, Karam, lembrei das verdinhas! Sim, as Heineken's... Lembra daquele calendário que a gente mantinha na redação com a foto de um garrafão de água cheio de cerveja? Que sobriedade pretendíamos imprimir para o ambiente de trabalho, não? Aliás, acho que te levei a sério no começo. Durou mais ou menos uns dez minutos esta sensação. Gente de barba branca sempre me fez pensar em sobriedade.

Escrevia minhas matérias naquela época, quando era seu repórter, com a sensação de que você me espiava por trás do ombro. Aliás, tive a mesma impressão agora, já quase finalizando este texto... Queria (e quero!) uma aprovação. Na minha época de reportagem, sabia da inglória tarefa de comparar a escrita para a TV com o que você fazia nos livros. Eram outros critérios os seus de escritor, é claro. Mas a sua liberdade nas páginas me indicou outros tantos caminhos, seja nas histórias imaginadas, presenciadas e criadas — cada qual contaminando as outras em medidas não quantificáveis.

Ok. Admito que dei minhas espíadas na tela do seu computador também.

Há algum tempo sentei naquela mesma cadeira em que você escrevia os sonhos de uma nova cidade. Nessa coisa de caminhar pelas trilhas de quem a gente segue, fui escrever o plano de governo de um candidato com a mesma turma que já estava se acostumando a não te ter por perto. Em alguns meses, pensei projetos de educação, saúde, segurança pública e outros temas que poderiam deixar o mundo de um jeito melhor. Tentei chegar como um técnico, reunindo informações, fontes, procurando mazelas levantadas em alguns anos de reportagem. Em pouco tempo, no meio de toda aquela histeria da qual você se preservava tão bem, entendi

qual era o seu papel. Lembrei de Pablo Neruda, que também transitou na política levando consigo a pena do escritor. “Muitas vezes os governantes têm comunicações públicas com seus povos. A poesia tem uma comunicação secreta com os sofrimentos do homem. Há que ouvir os poetas”, dizia o chileno. Quando o laptop do jornalista abriu espaço para alguns devaneios do escritor, a postura serena do Karam frente aos interesses de um comitê eleitoral fez sentido na minha cabeça.

Sonhei sonhos possíveis, imaginados, criados, calculados, negociados, alimentados, pesquisados... Não por acaso, nos intervalos daquele trabalho, nos meses em que fiquei confinado no comitê, ainda sobrou fôlego para dar um trato final em um livro de contos e revisar outro de poemas. A energia que movia as tarefas era a mesma: a de quem cria tendo como fonte justamente o ambiente, as histerias e histórias cruzadas; cacos de dramas pegos pela rabeira, com toda a fatura de passionalidades.

Você, de certa forma, criava seu porto seguro nas redações em que trabalhava, mas tinha ouvidos afinados à comunicação secreta com os dramas da alma.

Cheguei a fazer uma reportagem falando sobre a inauguração da Casa da Leitura Manoel Carlos Karam, que guarda o acervo que foi seu. Fica aqui pertinho do meu apartamento, aquele cujas prestações paguei com a ajuda dos bicos que você me arrumou em uma produtora de vídeo. Sabe que eu passo lá para pegar livros que às vezes nem leio? É tipo uma lembrança que levo pra casa e devolvo no prazo. Parece que estou emprestando da sua estante, como poderia estar fazendo hoje, se você não tivesse esta mania chatinha de deixar a gente tão cedo. ■



Luiz Andrioli é escritor e jornalista.

Autor de *O circo e a cidade*. Mantém o site www.luizandrioli.com

DEPOIMENTOS

“ A literatura do Karam me seduziu desde sua primeira obra, *Fontes murmurantes*, pelo seu grau de radicalidade, sua inteligência sofisticada e seu humor absolutamente livre. Tive o privilégio de tê-lo como amigo e de escrever mais de uma vez sobre seus livros.” **Marçal Aquino**, jornalista e escritor.

“ Infelizmente só me tornei próximo dele poucos meses antes de sua partida. O tempo que privei de sua companhia foi de alegria intensa. O livro do Karam que mais gosto é o *Encrenca*. Mas em cada linha de todas as suas obras nos deparamos com uma inquietante inventividade, vivenciamos o espanto. Seu humor filosófico nos retorce o cérebro. A veia poética é certa e luminosa. Manoel Carlos Karam é um desses gênios que fez o impossível com a linguagem. E foi um homem generoso, abriu casa e coração para os escritores mais jovens. Espero que um dia minha barba fique branca e vasta como a dele.” **Luiz Felipe Leprevost**, escritor.

“ Sinto falta do Karam. Ele já não me escreve nem me telefona. Lanço um livro e ele não aparece. Vou a uma livraria e não o vejo bisbilhotando as prateleiras. Faz tempo que não me indica nenhum livro. Não consigo saber o que anda escrevendo. Gostaria de ouvir a última ironia do Karam. A última ironia. Sinto falta do Karam.”

Roberto Gomes, escritor.

As marcas de Karam

Dono de uma prosa experimental, marcada pelo humor e situações absurdas, Manoel Carlos Karam também deixou marcas no teatro e na imprensa paranaense

GUILHERME SOBOTA

Um dos traços marcantes da obra de Manoel Carlos Karam é o humor. Conforme escreve Marçal Aquino na orelha de um dos livros do autor, “um humor original, diferente, desses que a gente ri e logo depois para, pensa direito e fica preocupado”. E foi com esse humor pitoresco que Karam, uma figura fácil da dramaturgia curitibana, se despede dos palcos para entrar na literatura, no meio dos anos 1980, com a edição de *Fontes murmurantes*. “Manoel Carlos Karam nasceu (1947) em Rio do Sul, Vale do Itajaí (uma enchente por ano), Santa Catarina, mas hoje é curitibano (uma neve de vez em quando). Jornalista (um salário por mês). Escreveu e dirigiu duas dezenas de peças de teatro (com títulos do tipo *O avião parte às 5*, *Doce primavera*, *Urubu*, *Esquina do 7 de Setembro com 31 de Março*), mas cortou o palco para ter tempo de pensar num cavalo sentado, na flor de samambaia”, escreve na primeira edição de seu romance de estreia.

Em entrevista à *Gazeta do Povo*, em outubro de 2004, o autor explicava a veia humorística de sua obra. “O humor faz parte da minha fala, do idioma que escrevo e me escreve. Um personagem não tem necessariamente humor. A língua usada para falar dele, sim — essa pode estar carregada dessa qualidade.”

Depois da militância no teatro e as “duas dezenas de peças”, o autor decidiu se dedicar a outras paixões: o jornalismo e a literatura. Karam trabalhou muitos anos como jornalista, especialmente em TV. Em uma entrevista à *Folha de Londrina*, em agosto de 1985, o escritor explicava a mudança do teatro para a literatura. “Foi então que, depois de 12 anos resolvi parar com o teatro e me propus a escrever sério. No início foi difícil, porque, devido ao meu trabalho, sobrava pouco tempo, não dava para manter nem uma certa disciplina que eu acho muito necessária.”

Fontes murmurantes é o primeiro ato de um projeto literário que Karam anunciava desde o início da sua carreira como escritor: traçar painéis, divididos em quatro partes: o primeiro de um país, o segundo de uma cidade, o terceiro de uma casa e o quarto de uma pessoa. Dito e feito. Em 2001, com a publicação de *Pesçoço ladeado por parafusos*, que saiu pela Ciência do Acidente, editora do escritor Joca Reiners Terron, a quem Karam se referia como seu “anjo da guarda em São Paulo”, o autor concluiu sua proposta inicial. Os outros dois livros que compõem o projeto são, respectivamente, *O impostor no baile de máscaras* (1992) e *Cebola* (1997). Este último foi vencedor do cul-



tuado prêmio Cruz e Sousa de Literatura, em 1995, cedido pelo governo do Estado de Santa Catarina.

Karam também publicou a coletânea de contos *Comendo bolacha Maria no dia de São Nunca* (1999), os romances *Encrenca* (2002) e *Sujeito oculto* (2004). Ainda voltou ao texto teatral pouco antes de morrer, com *Duas criaturas gritando no palco* (2003). Dono de uma prosa experimental, Karam cultivou admiradores entre os jovens escri-

tores da literatura brasileira contemporânea, entre eles o próprio Joca Terron, Marçal Aquino e Nelson de Oliveira, autores que assinam textos nas recentes edições dos livros de Karam, publicadas em 2010 pela Kafka Edições.

Manoel Carlos Karam faleceu no dia 1º de dezembro de 2007, aos 60 anos, em decorrência de um câncer de pulmão, na cidade em que escolheu viver e de onde tirou a matéria-prima fundamental de sua literatura. ■



CONTO

SCHOENBERG, BERG E WEBERN

Manoel Carlos Karam

Nós nos mudamos para Alhures do Sul no verão de 77, vivemos lá até o outono de 83. Foi depois de Relva e antes de Tartiiba. Meu pai, minha mãe, minhas duas irmãs. Meu pai trabalhava numa empresa instalando filiais. Filial instalada, mudança de cidade. Alhures do Sul depois de Relva e antes de Tartiiba. Não tenho recordações de Relva e Tartiiba. Tenho de Alhures do Sul. Com tantas mudanças, nós costumávamos descobrir que uma ou outra questão, quando contada, estava trocada de cidade. Por isso não tenho completa certeza da falta de recordações de Relva e Tartiiba. Mas não tenho dúvida sobre a música do piano em Alhures do Sul. Ouvíamos a música do piano do vizinho, demoramos até perceber o que estava acontecendo. O piano do vizinho tocava muitas horas por dia, foi o que pensamos. Erramos, o piano tocava ininterruptamente. Fizemos um revezamento para conferir, o piano do vizinho tocava vinte e quatro horas todos os dias. Uns dois ou três segundos de silêncio entre uma peça e outra. Sabíamos que era piano e não disco porque eu e minhas irmãs espíamos pela janela do vizinho. A cerca que separava os quintais era baixa. A janela da casa dele tinha cortina, mas sempre ficava uma fresta. Ele tocava sentado de costas para a janela, podíamos espionar o pianista. Era como se ele

estivesse num palco, a cortina da boca do palco com uma pequena abertura. O pianista dando as costas ao público, não por desaforo, mas pelo hábito de quem já foi maestro, explicou a minha mãe. Ela explicou quando viu por uma fresta da cortina do quarto da nossa casa eu e as minhas irmãs pulando a cerca de volta após um concerto na casa do vizinho. Ela por primeiro brigou conosco, por segundo perguntou o que nós vimos e por terceiro explicou do maestro que fica de costas para a platéia. Por último a minha irmã mais nova disse que queria ser pianista. Ela sempre dizia que ia crescer e ser da padaria. Acho que foi ainda antes de Relva quando ela disse ser da padaria. Meu pai achou engraçado quando a minha irmã disse ser da padaria. Minha irmã mais nova chorou. Ninguém riu quando ela disse que queria ser pianista porque o meu pai, o que mais ria lá em casa, estava no trabalho, instalando a filial de Alhures do Sul. Minha mãe ouvia o piano o dia inteiro, eu e minhas irmãs só de tarde, tínhamos escola de manhã, meu pai na hora do almoço e de noite, e nós todos a madrugada inteira. Às vezes eu me virava na cama, ouvia um pedacinho de música e dormia novamente. Espíamos uma vez pela janela de madrugada, meu pai autorizou, queríamos saber se o vizinho tocava piano dia e noite sem parar como parecia, mas impossível que

fosse assim. Queríamos saber como era. Foi de madrugada que descobrimos a mulher tocando piano. Percebemos nas visitas seguintes que o casal se revezava para manter o piano ininterruptamente em concerto, como disse um dia o filho do contador. Meu pai disse que o filho do contador da filial estudava música, tocava piano e, mesmo muito jovem, já tinha dado concerto. Ele era dois anos mais velho que eu, mas naquele momento não me passou pela cabeça que meu pai estivesse sugerindo que eu deveria fazer alguma coisa que ele pudesse contar, como o contador da filial contava. Convidamos o filho do contador para ouvir o piano do vizinho. Um conhecedor de música esclareceria o que estava acontecendo. Schoenberg, Berg e Webern. Foi o que ele disse que estava acontecendo. O piano do vizinho repetia peças, explicou. A Suíte de Schoenberg (opus 25) ele tocou três vezes. O músico retornou nos dias seguintes, o piano do vizinho continuava tocando Schoenberg, Berg e Webern. De manhã, de tarde, de noite, a Sonata de Berg (opus 1). O filho do contador dormiu lá em casa algumas noites. Acordava de madrugada para ouvir o piano, muito repetidas também as Variações de Webern (opus 27). Foi em Alhures do Sul, depois de Relva e antes de Tartiiba. Perdemos a conta do piano do vizinho, daqueles muitos dias

de música sem parar. Um piano era algo tão distante de nós que tivemos medo dele. Eu via no rosto do meu pai e da minha mãe que havia alguma forma de susto, um receio que talvez tenha sido a causa de nunca fazer amizade com os vizinhos. O que vinha a calhar, sempre preferimos não nos envolver com a vizinhança porque logo estaríamos de mudança. Quando viajamos para Tartiiba, no dia em que desocupamos a casa, o piano continuava tocando. A minha irmã mais nova aprendeu com o filho do contador a identificar a música. Naquele nosso último momento em Alhures do Sul, o piano na casa vizinha, nas mãos do vizinho ou da vizinha, não sabíamos, o piano fechava o concerto para nós com Schoenberg, seis pequenas peças para piano (opus 19). O nosso último dia nos fez recordar o primeiro do vizinho. Nós nos lembrávamos claramente de quando chegou a mudança do vizinho. Ninguém deixa de olhar para a mudança que tem um piano. Mas só o piano estava na nossa lembrança. Não tinha jeito de recordar como era a cara do vizinho e da vizinha, muito menos se havia alguma criança. ■

 **Manoel Carlos Karam** nasceu em Rio do Sul (SC), em 1947. Viveu em Curitiba de 1966 até 2007, ano de sua morte. "Schoenberg, Berg e Webern" faz parte do livro inédito de contos *Um milhão de velas apagadas*.

Café, pão e poesia

Influenciado pelas leituras da mãe, o cineasta paranaense Fernando Severo ainda conserva um hábito dos tempos de infância: misturar café e poesia

MÁRCIO NORBERTO

Crescer em uma pequena cidade do interior tem lá suas vantagens. Longe da correria dos grandes centros, o tempo parece passar mais devagar. Foi em um ambiente assim, propício à leitura, que o cineasta Fernando Severo cresceu.

Do interior de Santa Catarina (Caçador, de onde saiu com dois anos), para o interior do Paraná (Clevelândia, onde ficou até os 11 anos, voltando a Caçador), o cenário pacato pouco foi alterado, o que deu a Severo as condições ideais para se tornar um leitor inveterado. A rotina calma da infância só ganhava novas cores com as fantásticas histórias que dona Diva, matriarca dos Severo, lia para o filho todos os dias. Severo lembra que só ia pra cama cedo ou tomava remédio se a mãe cumprisse o ritual. Era um toma lá dá cá.

Dona Diva, hoje com 87 anos, foi a primeira grande influência na sua vida de leitor. “Minha mãe sempre gostou de biografias, romances históricos, escritores russos e literatura policial, gosto literário que herdei”, explica. As primeiras leituras eram bem ecléticas, iam das fábulas de *La Fontaine* aos contos dos



Micheline Garcia

Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen. Severo também foi cooptado pelo universo irresistível de Monteiro Lobato, cujo *Reinações de Narizinho* tinha lugar de destaque na prateleira.

Durante a infância, os livros foram os melhores companheiros do pequeno Fernando, sempre ao alcance das mãos. No café da manhã, entre um pãozinho francês com manteiga e um cafezinho, havia a companhia de um li-

vro. Hábito que o cineasta ainda cultiva, hoje quase sempre na companhia de um livro de poesia.

Os poetas simbolistas são os preferidos de Severo, especialmente o francês Baudelaire. “Hoje em dia, a poesia está mais presente na minha vida do que a ficção. Estou lendo a obra de T. S. Eliot, poeta que nasceu nos Estados Unidos, mas que escolheu ser cidadão inglês. Também entre os meus favoritos estão o

argentino Jorge Luis Borges e os brasileiros Mário Faustino e Roberto Piva.”

Já no caminho para a adolescência, aos 11 anos, Severo se deparou com um livro que marcaria profundamente sua relação com a literatura. “Na casa de uma tia, por acaso, me deparei com uma edição de *Cemitério de elefantes*, do Dalton Trevisan. Li e fiquei fascinado. Causou-me certa perturbação. Fiquei intrigado. O livro me trouxe uma visão mais complexa

“ Na casa de uma tia, por acaso, me deparei com o livro *Cemitério de Elefantes*, do Dalton Trevisan, li e fiquei fascinado”.

e sombria do mundo”, conta o cineasta, que considera o segundo livro de Trevisan uma de suas leituras mais marcantes.

Aos 15 anos, na escola, descobriu os romancistas americanos nas aulas de inglês da professora Alba Dourado, de quem lembra com muita saudade. “Posso dizer que a Alba foi outra influência fundamental na minha formação como leitor. Ela me levou a autores como Hemingway e Faulkner”, diz o cineasta. “Lembro-me também de ler *A montanha mágica*, do Thomas Mann. Além desses autores, a Alba despertou ainda meu gosto pela literatura latino-americana, que vivia um *boom* na época.”

Literatura e cinema

Desde sempre o cinema se beneficiou da frutífera relação que manteve com a literatura — e Severo também. Como não poderia deixar de ser, o cineasta levou para o set sua experiência como leitor e suas preferências literárias, que influenciaram suas escolhas ao longo da carreira. Em 2008, o cineasta filmou *O hóspede secreto*, curta-metragem adaptado do conto homônimo de Miguel Sanches Neto.

Segundo Severo, o flerte com o cinema começou pela via da leitura. Ainda em Clevelândia, o cineasta começou a frequentar as matinês de domingo. O compromisso era sempre precedido de um ritual: Severo e outras crianças tinham o hábito de trocar gibis antes da sessão. A paixão pelas histórias em quadrinhos o levaria não só aos clássicos da literatura, mas também

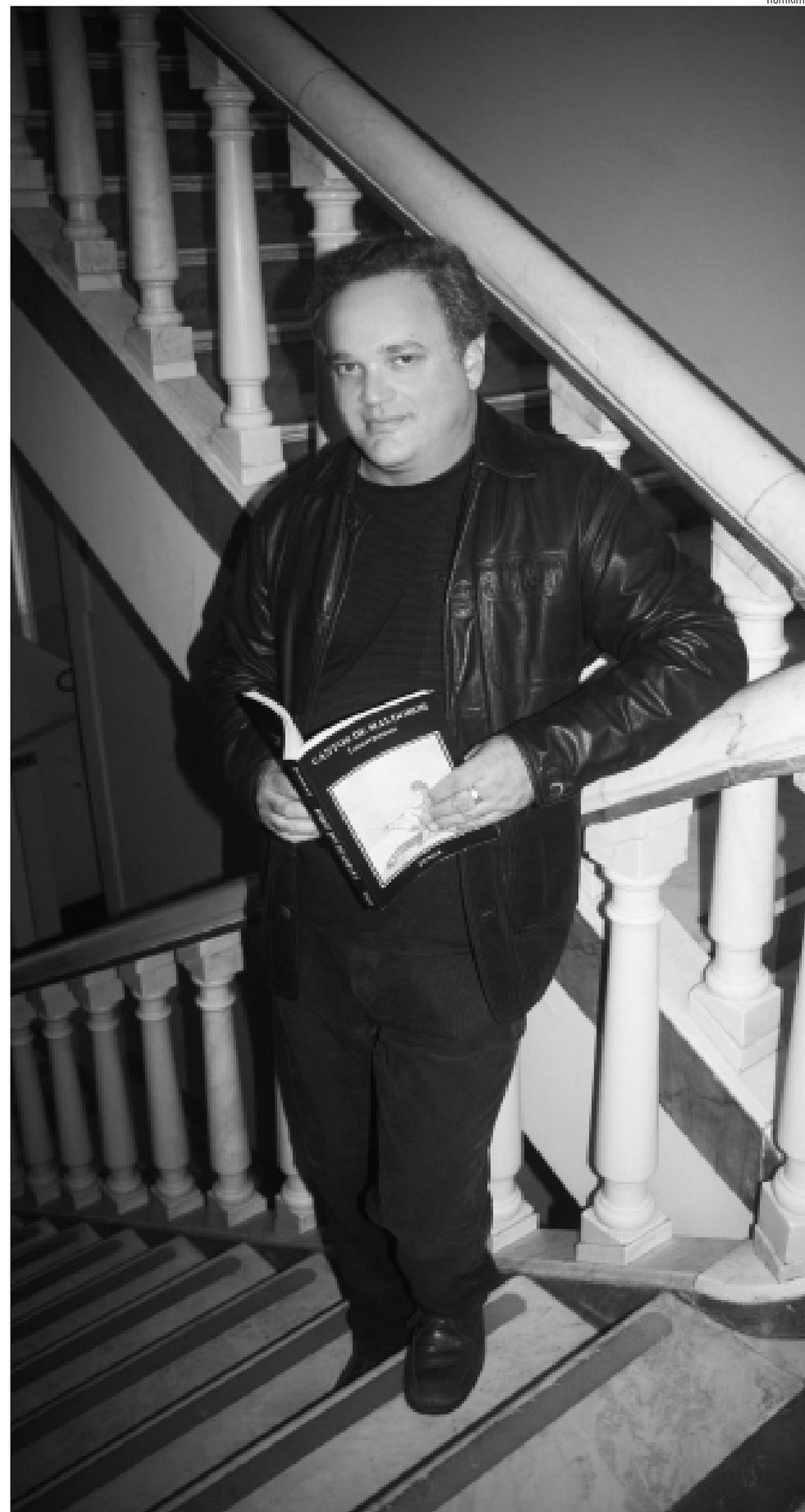
à sua futura profissão.

Já na faculdade, em 1979, Severo participou de um concurso de poesia organizado pela Universidade Federal do Paraná e saiu vencedor, deixando em segundo lugar a curitibana Josely Viana Baptista, que anos depois se tornaria “uma grande poeta brasileira”, conforme diz o cineasta. No mesmo ano, Severo filma seus primeiros curtas experimentais, todos em formato Super 8: *HU*, *Aluminosa espera do apocalipse* e *Escura maravilha*.

Depois das primeiras experiências, Severo não parou mais de produzir, tornando-se um dos grandes realizadores de cinema do Paraná. Entre seus principais filmes, destacam-se *O mundo perdido de Kozák* (1988), que recebeu o Kikito de melhor roteiro e outros dezesseis prêmios nacionais, e *Paisagem de meninos* (2003), que também recebeu os Kikitos de melhor média-metragem, melhor roteiro, melhor ator e Prêmio Especial do Júri (direção de arte).

Outra experiência importante para o cineasta foi a convivência com o escritor Valêncio Xavier, autor do clássico *O mez da Grippe* (1981) e fundador da Cinemateca de Curitiba. “O Valêncio era uma figura fascinante, que tinha uma cabeça multicultural, era um cara que transitava com desenvoltura do popular ao erudito. Foi uma grande referência para mim.”

Hoje, além dos projetos cinematográficos, Severo comanda o Museu da Imagem e do Som (MIS) do Paraná, instituição onde iniciou a carreira no começo dos anos 1980. “No MIS, fazia registro de peças teatrais, balés, *shows* e manifestações culturais, tudo era feito em Super 8. Realizei essa atividade até o Museu ser praticamente extinto, em 1981. Meu retorno completa um ciclo de vida e acontece num momento-chave, onde existe vontade política de atribuir ao Museu um merecido papel de protagonista em nossa cena cultural.” ■



DIGITAL REVERB DELAY

Marcio Renato dos Santos

Ilustração: Marcelo Cipes

Eu não deveria ter permanecido em silêncio. Fui quase um mudo, apesar de a vida não ter me negado a capacidade de ouvir e de reproduzir sons. Sou, aparentemente, um sujeito normal. Cumprimento conhecidos e até desconhecidos com oi, alô, olá, bom dia, como vai? Mas nunca fui muito de falar e acredito que foi esse hábito, quase um voto de silêncio, que acabou por escrever o meu destino.

As pessoas costumam pedir pra eu falar mais alto, com mais volume. Não sei ao certo, mas talvez esse jeito seja uma estratégia. Pra eu não ser ouvido. Pra eu passar quase sem ser notado. E pra evitar confronto. Acabei envolvido em problemas por aceitar palavras e muito mais sem questionamento. Sim. Recebo e cumpro ordens. Deve ser uma programação mental ou herança cármica. Mas não sou vítima, nada disso. Como já falei, pode ser, no fundo, uma estratégia. Afinal, já recebi crédito pelo que não merecia e também não reclamei.

Mas, fazendo as contas, devo dizer, sem que isso soe como queixa, que fui acusado de ações transgressoras que

não fiz. E, penso agora, se eu tivesse tentado me defender, talvez tivesse evitado algumas situações que aconteceram em minha trajetória. Passei sete anos dentro de uma prisão. O motivo? Não vem ao caso, mas foi por um crime que não cometi. Confessei o que não havia feito e, a partir da confissão, segui para o confinamento. Apanhei pouco, só no início. E, se dependesse de mim, até hoje estaria lá. Mas fui expulso. Cumpri a pena e esqueci que estava livre. Confesso, mas que isso não se torne público, que peguei gosto. Sim. Passei a ter tempo livre. E muita oportunidade pra permanecer quieto. Também adquiri hábitos, que outros poderiam chamar de vícios. Passei a fumar, o que pode vir a ser um problema a médio e longo prazo. Mas perdi peso e, mais importante, comecei a aprender a controlar a respiração.

XX

Um dia, recebi dinheiros inesperados e assim surgiu uma temporada de descanso, dez dias, dez noites, e pela primeira vez na vida fiquei de fren-

te para o mar, instalado em um apartamento de cobertura. Comia quando tinha fome, bebia quase o tempo todo e olhava o mar. Sol e brisa. E, pelo que lembro, não falei com ninguém durante aquele intervalo. Só balbuciava algo ao pedir um prato em um restaurante ou um drinque na beira do mar. Fora isso, apenas silêncio. E, sem exagero, analiso que aquele talvez tenha sido um dos períodos mais felizes que conheci.

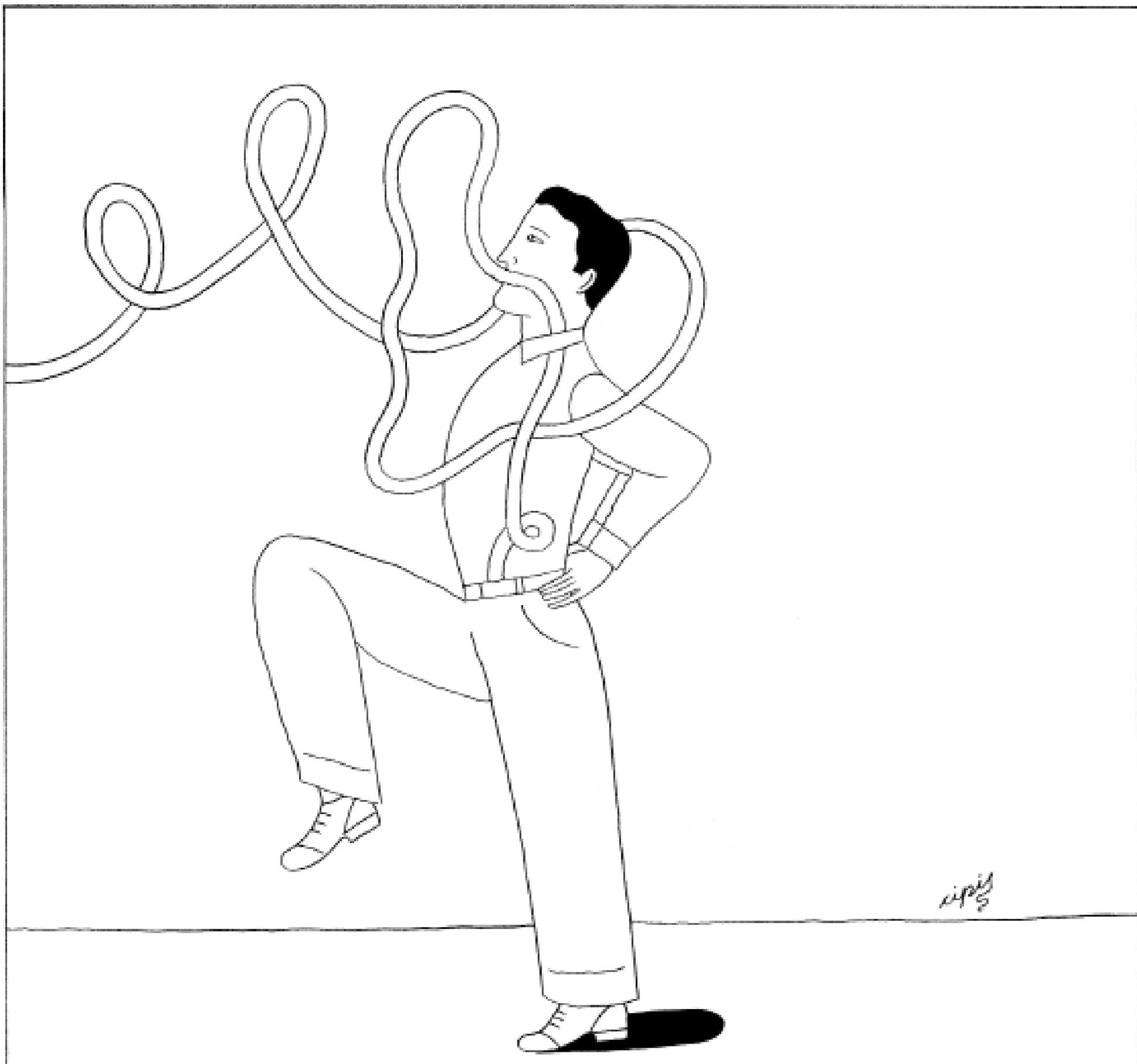
XXX

Estão gritando em algum apartamento próximo daqui, de onde escrevo este texto. Pode ser uma festa. Os gritos continuam, não escuto com clareza, a janela está fechada, não vou abrir. É noite de jogo de futebol? Os gritos seguem. Seriam jovens a compartilhar novidades? Ou adolescentes tentando aproximação? Talvez, meninas e meninas a brincar de algum jogo ou apenas a correr no pátio do prédio onde vivo faz tanto tempo que nem lembro quanto, e me dou conta de que estou me esquecendo de quase tudo.

XXXX

Tenho uma inflamação na garganta que dói em noites como esta, de chuva e temperatura de menos de dez graus. Durante uma das primeiras crises, fui até uma farmácia e sem consultar médico comprei analgésico e outro remédio recomendado por uma balconista. A dor passou após os primeiros comprimidos. A inflamação diminuiu na manhã seguinte. Mas nunca me curei completamente e basta chover e a temperatura exigir casacos durante o dia e cobertores durante a noite para que o problema retorne. Já me disseram que não é nada, apenas algo somático. Quem fala isso diz que a garganta é o canal por onde se faz o som da fala humana e, como sou quase não falante, essa inflamação seria uma maneira que eu teria inventado para evitar que o meu som se materializasse.

Falar, como já disse, eu nunca quis muito. Mas pensei em ser cantor, e cantar eu jamais consegui. Nem fechado dentro do banheiro. Nem em uma praia deserta. Nem nos sonhos. Talvez, anali-



so somente agora, pelo mesmo motivo que tenha me impedido de querer falar. Medo? Vergonha? Timidez? No fundo, um pouco de medo, de vergonha e de timidez. Mas, tenho de admitir, o que sempre me deixou calado foi a sensação de que eu nunca tive nem tenho nada a dizer, nem como dizer e, por isso, não precisava e não devo falar. Afinal, a gente abre a boca pra dizer as coisas, não é isso? Como nunca tive nada a dizer, minha opção sempre foi pelo silêncio. Mas como explicar que desde pequeno eu poderia pensar nesse assunto, nesses detalhes? Não sei, estou confuso, confesso e apesar da confusão me dou conta de que ao escutar os outros eu desconfiava que todos tinham o direito de falar e eu deveria apenas ouvir. E assim a minha vida foi acontecendo, ouvindo, escutando, calando.

XXXXXX

Lembro de ter ido a muitas festas sem receber convite, e achava graça. Mais do que rir, fazia questão de ser visto, odiado até pelos donos das casas. Mas também fui convidado a outras tantas. E em ambas as situações pouco falava. Permanecia com a boca ocupada, com bebida ou comida. Eu não teria o que dizer, e ainda tinha vergonha de estar onde estava, mas desejava frequentar os eventos.

XXXXXX

O tempo passou, nem percebi e então eu precisava de um emprego, qualquer um. Procurei. Bati em uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete portas e nada. Um dia fui nomeado para uma função e aceitei, sem dizer sim, apenas com um sorriso, que foi bem recebido e interpretado como aceito, sim, muito obrigado.

Passei a permanecer por pelo menos dez horas todo dia dentro de um

barracão. Lá, tinha de controlar o que entrava e o que saía. Eu era o inspetor. E por mais de dois anos exerci a função com alguma margem de acerto. Até que um dia, uma manhã, fui chamado até a sala do chefe e recebi a notícia de que havia desfalque no estoque. Eu tinha duas alternativas. Primeiro, contar quem era o responsável pelo esquema. A segunda opção seria confessar o crime. Como permaneci calado, surpreso com a acusação, e não reagi, o chefe entendeu que eu era responsável ou cúmplice e, devido a essa conclusão, fui mandado embora, sem direito a nenhum dinheiro e ainda com a condenação de trabalhar em um outro barracão por mais alguns meses, e sem receber salário.

XXXXXXX

Dias, meses, anos, décadas depois do incidente do barracão, muito se passou, mas não vou contar nada, apenas que adquirir, ou melhor, construí um discurso. Finalmente eu tinha o que dizer. Também sabia como dizer. Mas, então, chegava, sem que eu me desse conta, a lei do silêncio. Após tanto tempo lamentando não ter o que nem como dizer, quando conquistei a possibilidade de me expressar, não era mais permitido dizer nada. Tentei me comunicar, mas percebi rapidamente que não seria confortável, pra mim, nem pra ninguém, abrir a boca. E por isso continuei em silêncio. Permaneci por dias, meses, anos e décadas calando. Ou dizendo apenas oi, olá, como vai?, tudo bem? Eu sorria de boca fechada.

XXXXXXXXX

Há pouco eu reclamava de uns gritos e dizia que poderiam ser adolescentes brincando ou envolvidos em rituais de aproximação, mas como tive de ir até o banheiro, na volta olhei pela ja-

nela da sala, que estava com a lâmpada apagada, e vi a briga. Dois grupos rivais, duas torcidas de times de futebol adversários, trocavam socos, alguns batiam e outros apanhavam. Todos gritavam. Olhei e não fiz nada, permaneci calado, como daquela vez em que pela mesma janela presenciei um assalto e segui mudo ao invés de gritar.

Já faz tempo, tentei torcer por um time de futebol e comecei a frequentar estádios todos os domingos. Conheci algumas pessoas que também frequentavam as arquibancadas, não eram amigos, mas gente com quem eu conversava. Eles torciam, gritavam, xingavam, e eu queria fazer o mesmo. Mas nem com esforço, nem tentando imitar consegui repetir aquele comportamento. Queria gritar, mas não saía som da minha garganta. Queria gesticular, mas nenhum gesto se esboçava a partir de meus braços. Eu continuava imóvel e em silêncio, como costuma ser o meu estar no mundo desde que me lembro das coisas.

XXXXXXXXXX

Os anos passaram e, confesso, tenho saudade dos dias ruins, das noites de insônia, dos conflitos que me tiravam o sossego. A lei do silêncio acabou, mas agora nem sei se sinto vontade de dizer algo. Hoje sou um velho, nem sei quanto tempo me resta e parece que tudo vai acabar daqui a pouco.

XXXXXXXXXX

Se caminho pela rua principal é por não ter opção. Quero passear, mas cada passo me custa e nem tenho certeza de que estou vendo o que está ao meu redor. Essa cidade, aqui mesmo, onde nasci e sempre morei, mais parece um país para o qual me foi negado o passaporte. Já não conheço ninguém. Como pode? O comerciante de roupas,

a dona da loja de perfumes, o chefe da polícia, a mulher mais linda da cidade. Eu sabia quem eram, onde moravam e o que faziam nos dias de folga. Esse som, está ouvindo?, esse som, acho que é de oboé, escutou?

Parece a trilha sonora do meu fim.

XXXXXXXXXXXX

Onde vocês foram? Por que não me escutam? Vocês. Todos. Sim. Cadê todo mundo? Oi. Tudo bom? O quê? Não me conhece? Como não? E você? Ah, também não. Sim, posso dar licença. Você, ei, menino, não tem nada na minha carteira. Pode levar. E você, garota. Calma, calma. Tudo bem, desculpe. Eu me confundi. Me desculpe. Sim, isso não vai acontecer novamente. Mas, o que aconteceu? Onde estarão todos? Agora eu tenho o que dizer. Sei como contar.

Tem alguém aí?

XXXXXXXXXXXX

Tenho gravado a minha voz. Sim, em casa, aqui, no quarto que dá vista pra rua, eu fecho as cortinas e a porta, ligo o aparelho de som. Começo e falo por horas, às vezes adormeço de tanto falar. Depois ligo a gravação pra escutar a minha voz. Conto pra mim coisas que não posso deixar de lembrar, soar, voar, por exemplo, como cheguei onde estou, qual foi a sorte de não ter despenhado no precipício. Ninguém vai escutar, saber, crer, mas preciso contar, e tenho quase certeza de que só existi, existo porque falo, digo e escrevo este texto. ■

 **Marcio Renato dos Santos** escreve ficção há 20 anos. Estreou na literatura com o livro de contos *Minda-Au* (2010). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Marcio é jornalista e atua na Assessoria de Comunicação do Museu Oscar Niemeyer (MON). Vive em Curitiba (PR).

RETRATO DE UM ARTISTA

LIMA BARRETO

Por **Osvalter Urbinati**

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, no dia 13 de maio de 1881, mesmo dia em que, sete anos depois, em 1888, foi assinada a Lei Áurea. Porém, os resultados sociais da escravidão foram amplamente abordados em sua obra. Entre seus principais livros, destacam-se *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919). Lima Barreto trabalhou em diversas redações, sendo considerado um dos inauguradores do jornalismo literário no país. Teve sérios problemas com o alcoolismo, que o levou ao sanatório por mais de um período. Morreu no dia primeiro de novembro de 1922, aos 41 anos.

 **Osvalter Urbinati** é designer gráfico por formação e ilustrador por insistência. Formou-se pela UTFPR, em 2006, e desde então ilustra, diagrama e projeta jornais de Curitiba. Também trabalha como *freelancer* para as revistas *Mundo Estranho* e *Alfa*.



CORTEJO NOTURNO

trouxe na lua crescente
 uma canastra de peixes
 (as guelras membranas baças
 de romãs despedaçadas)
 nos lampejos da minguante
 um puçá de caranguejos:
 tanino do mangue-bravo
 fez o azul das carapaças
 das fasquias de taquara
 fisgou argolas de palha;
 as plumas de maguari
 transbordando das cabaças
 no cesto da lua nova
 frutos roxos de figueira,
 gavelas, paveias, feixes
 para o leito sobre a areia

29 DIAS

restos de flores de goivo,
 gomos e lábios vermelhos
 – o lento engenho do jogo
 no começo dos afagos
 (sobre o leito frondoso
 o alvorecer poento
 encontre os noivos reclusos
 dentro do próprio desejo)
 dedos trêmulos e beijos
 sobre seus cabelos negros
 – lampejo sombrio do gozo
 no fôlego dos abraços
 (junto aos latejos do fogo
 o poente poeirento
 encontre os noivos desnudos
 no assombro do silêncio)
 restos de flores de goivo
 sobre seus cabelos negros



 Josely Vianna Baptista nasceu em Curitiba (PR), em 1957. É poeta, tradutora e escritora. Entre seus livros, estão *Ar* (1991), *Corpografia* (1992) e *A concha das mil coisas maravilhosas do velho caramujo* (2001). Em 1996, criou a coleção *Cadernos da Ameríndia*, dedicada a temas do repertório cultural e textual de etnias indígenas sul-americanas. Os dois poemas publicados aqui fazem parte do livro inédito *Roça barroca*, que a editora Cosac Naify lança em janeiro.